

Análise de Problemas e Inadequações da Zoonímia Portuguesa Utilizada na Tradução de Duas Enciclopédias Divulgadoras sobre Fauna

Analysis of Zoonymic Problems and Inadequacies Present in The Portuguese Translation of Two Popularizing Wildlife Encyclopaedias

Carlos Garrido*

RESUMO

Tomando como referência a tradução a partir do inglês de duas enciclopédias divulgadoras sobre fauna publicadas recentemente em Portugal, o presente estudo analisa os problemas e as inadequações associados, no quadro da tradução (e redação) de textos científicos didáticos e divulgadores, à designação em português, mediante denominações paracientíficas e denominações vernáculas eruditas, de grupos (famílias, géneros, espécies) de animais, sobretudo dos exóticos, inconspícuos ou indistintos, naturalmente destituídos de denominações populares. Os problemas de maior alcance envolvidos na designação em português de grupos zoológicos de baixa categoria taxonómica são a existência de *profusão denominativa* para um dado grupo e a existência de *défice denominativo* para um dado grupo. O problema zoonímico mais complexo, e que a mais inadequações tradutivas dá origem, é o *défice denominativo*, situação que pode requerer do tradutor/redator a cunhagem de um neologismo. A problemática e as inadequações associadas à cunhagem de neologismos zoonímicos é aqui estudada em pormenor, recorrendo a numerosos casos ilustrativos retirados das duas traduções em foco.

PALAVRAS-CHAVE: decalque, neologia, terminologia zoológica, tradução científica, zoonímia portuguesa

Recebido em 21 de dezembro de 2021.

Aceito em 13 de abril de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2022n63.593>

* Universidade de Vigo, cgarrido@uvigo.gal

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2870-1055>

ABSTRACT

Taking as a reference the translation from English of two popularizing wildlife encyclopaedias recently published in Portugal, this study analyzes the problems and inadequacies associated, in the context of the translation (and writing) of didactic and popularizing scientific texts, with the designation in Portuguese, through parascientific and erudite vernacular names, of animal groups (families, genera, species), especially those exotic, inconspicuous or indistinct, naturally devoid of popular names. The most far-reaching problems involved in the designation in Portuguese of zoological groups of low taxonomic rank are the existence of *denominative profusion* for a given group and the existence of *denominative deficit* for a given group. The most complex zoonymic problem, which gives rise to most translational inadequacies, is the denominative deficit, a situation that may require the translator/writer to coin a neologism. The problems and inadequacies associated with the coining of zoonymic neologisms are studied in detail here, resorting to numerous illustrative cases taken from the two translations considered.

KEY WORDS: loan translation, neology, Portuguese zoonymy, scientific translation, zoological terminology

Introdução

A determinação dos equivalentes na língua de chegada das denominações paracientíficas e, sobretudo, vernáculas de grupos de organismos que constam do texto de partida sempre se revela operação delicada no quadro da tradução científica (GARRIDO, 2016a, p. 204–209), e ainda em maior grau, cabe dizer, quando a língua-alvo da tradução é o português, porquanto, entre as grandes línguas europeias de cultura, a nossa ainda se destaca, infelizmente, por uma notável escassez de denominações vernáculas eruditas e de denominações paracientíficas identificadoras aplicáveis a grupos de organismos (animais, plantas, fungos, protistas) exóticos, pré-históricos, inconspicuos ou indistintos, naturalmente destituídos de denominações vernáculas populares¹. Baste para uma fácil e efetiva constatação dessa circunstância, por exemplo, a consulta de artigos consagrados a grupos de animais exóticos que a internetica *Wikipedia-*

1 Sobre os conceitos de *denominação científica*, *denominação paracientífica classificatória/identificadora* e *denominação vernácula popular/erudita* de grupo de organismos, v. GARRIDO (2016b, p. 66–68 e tab. 1).

pt oferece, os quais, em agudo contraste, sobretudo, com os seus homólogos em inglês e alemão – mas também em frequente contraste com os homólogos noutras línguas próximas, como francês, italiano ou espanhol –, surgem em geral privados das correspondentes denominações vernáculas (portuguesas).

Tal escassez de denominações paracientíficas identificadoras e vernáculas eruditas disponíveis em português tem ficado a dever-se, por um lado, a uma relativa falta de desenvolvimento dos estudos taxonómicos, ou de biologia sistemática, nos países lusófonos, mas também, por outro lado, à pouca vitalidade que entre nós tem tradicionalmente mostrado a elaboração e edição de obras didáticas e divulgadoras sobre história natural e, em especial, a tradução em português de textos didático-divulgadores zoológicos ou botânicos redigidos em línguas estrangeiras e pertencentes a géneros como o guia de campo, o guia prático, o atlas temático, o compêndio divulgador, o dicionário especializado divulgador ou a enciclopédia divulgadora (sobre estes géneros textuais da ciência, v. GARRIDO, 2016a, p. 46–50). Neste contexto, a tradução e edição em Portugal, no primeiro decénio do século XXI, de duas importantes enciclopédias divulgadoras sobre fauna mundial tem vindo a preencher, pelo menos em parte, essa deplorável lacuna cultural: trata-se da *Grande Enciclopédia Animal*, de BURNIE *et al.* (2002 [2001]), que consta de um único volume (de grande tamanho), e da *Enciclopédia dos Animais: Um Guia Visual Completo*, editada em quatro volumes, dedicados às aves (MCGHEE *et al.*, 2007 [2005]), aos mamíferos (BRUCE e MCGHEE, 2007 [2005]), aos peixes (HUTCHINSON e MCGHEE, 2007 [2005]) e aos répteis, anfíbios e invertebrados (TAIT *et al.*, 2007 [2005]). Estas duas enciclopédias divulgadoras de tema zoológico foram vertidas, do inglês, e com a demora de apenas um ou dois anos a respeito da publicação das obras originais, pela mesma tradutora, Sofia Gomes, com revisão técnica, nos dois casos, de Filipe Machado, e representam um complemento, enriquecimento e atualização de uma enciclopédia didático-divulgadora «clássica» que também tinha sido traduzida (do espanhol, neste caso) e publicada em Portugal, *A Fauna: Vida e Costumes dos Animais Selvagens*, de RODRÍGUEZ DE LA FUENTE *et al.*

(1971 [1970]). A leitura do prefácio da *Grande Enciclopédia Animal* e do texto da capa posterior de cada volume da *Enciclopédia dos Animais: Um Guia Visual Completo* permite verificar a elevada qualidade documental e a ampla abrangência terminológica destas duas obras didático-divulgadoras:

Este livro é uma homenagem à riqueza do reino animal, editado num momento crucial da sua história. Compilado por uma equipa internacional de mais de 70 zoólogos, biólogos e naturalistas, constitui uma análise completa do mundo animal, das espécies conhecidas com que nos cruzamos todos os dias às raridades que poucos cientistas tiveram a oportunidade de ver e estudar. Inclui não só vertebrados mas também uma vasta selecção de vida invertebrada [*sic*²] – criaturas que, embora muitas vezes menosprezadas, formam a imensa maioria das espécies animais existente sobre a Terra. // Ao todo, mais de 2000 espécies são apresentadas em *Grande Enciclopédia Animal*, quase todas ilustradas por uma fotografia ou desenho. (Burnie, 2002, p. 8)

Na essência destes livros está um levantamento enciclopédico de todos os grupos animais: mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes e invertebrados. Uma galeria com mais de duas mil ilustrações são apoiadas por detalhados diagramas, mapas e fotografias a cores. As espécies vulneráveis e em perigo de extinção estão assinaladas de forma visível, e muitas são analisadas em pormenor. Diagramas e páginas temáticas centram-se nos aspectos estranhos ou intrigantes do comportamento animal. O texto está actualizado, contendo as últimas descobertas científicas, a classificação mais recente das espécies e a conservação animal. (Texto da capa posterior da cada volume da *Enciclopédia dos Animais: Um Guia Visual Completo*)

2 Neste ponto, devemos deixar constância da deficiência tradutiva que aqui surge, e que é bastante frequente entre tradutores não especialistas em biologia (GARRIDO, 2016a, p. 215): os adjetivos que, significando ‘próprio de um determinado grupo de animais’, derivam de denominações paracientíficas de táxon supragenérico (ex.: *Vertebrata* → *Vertebrados* → *vertebrado(s)*), em português (e espanhol) apenas podem ser usados na sua forma masculina e como restritivos de táxones (ex.: *animal vertebrado*, mas ingl. *vertebrate blood* > port. *sangue dos vertebrados* [e não **sangue vertebrado*]). Portanto, a expressão **vida invertebrada* que na tradução corresponde a ingl. *invertebrate life* não é correta, e sim o teria sido *animais invertebrados*.

Precisamente, o défice zoonímico que a língua portuguesa tradicionalmente tem sofrido e a grande importância documental e terminológica destas enciclopédias faunísticas há pouco tempo traduzidas do inglês e publicadas em Portugal tornam de sumo interesse um estudo como o presente, o qual, tomando como referência essas duas obras, analisa, em primeiro lugar, os problemas que deve defrontar um tradutor (ou redator ou revisor) para disponibilizar em português, com correção formal e funcional, denominações paracientíficas e vernáculas de grupos de organismos, e, em segundo lugar, as diversas categorias de inadequações zoonímicas que, originadas por aqueles problemas, a tradução portuguesa destas duas obras de facto mostra. Embora o presente estudo, portanto, ofereça alguma indicação valiosa sobre a qualidade (terminológica) dessas duas traduções, ele não constitui, porém, uma avaliação ou crítica argumentada definitiva do desempenho da equipa formada pela tradutora e pelo revisor técnico destas duas enciclopédias divulgadoras, já que aqui praticamos apenas uma abordagem analítica qualitativa, e uma verdadeira avaliação de tradução exigiria uma abordagem quantitativa, para além de qualitativa, e deveria ter em conta fatores fundamentais de uma encomenda ou projeto de tradução, que aqui não consideramos, como são o prazo de execução, as condições de trabalho, os recursos disponíveis pelo tradutor, etc.

Por conseguinte, com o objetivo de realizarmos um levantamento qualitativo dos problemas e das inadequações zoonímicos mais relevantes que se apresentam, ou podem apresentar-se, na tradução (e redação) de textos que enunciam, caracterizam e ilustram grupos de seres vivos (exóticos, pré-históricos, inconspícuos ou indistintos), a seguir analisamos nas duas obras referidas, confrontando texto de chegada com texto de partida da tradução, a designação de grupos zoológicos – todos, de cariz taxonómico, mas alguns sem validade taxonómica – de baixa categoria, quase sempre (sub)famílias, géneros, espécies ou grupos (informais) de espécies³. Assim, recorrendo a

3 As denominações vernáculas de grupos de organismos podem remeter para uma unidade taxonómica (= *táxon*) formalmente reconhecida pela sistemática biológica ou taxonomia como

uma amostra de casos extraída da *Grande Enciclopédia Animal* e de três dos quatro volumes (afora o dedicado aos peixes) da *Enciclopédia dos Animais: Um Guia Visual Completo*, na próxima secção 1 procedemos a categorizar os correspondentes problemas zoonímicos (e tradutivos), bem como a ilustrar com exemplos as inadequações zoonímicas (e tradutivas) que deles resultam⁴.

1. Problemas e inadequações da designação em português de grupos zoológicos de baixa categoria taxonómica (no quadro da tradução/redação de textos didático-divulgadores)

Os problemas de maior abrangência envolvidos na designação em português de grupos zoológicos de baixa categoria taxonómica – os quais são fonte de diversos problemas zoonímicos subordinados e de inúmeras inadequações zoonímicas e tradutivas (potenciais e, de facto, como veremos,

grupo natural de descendência evolutiva (*correspondência taxonómica simples*: p. ex., *lontra* → [mustelídeo da subfamília] Lutrinae, *lontra-marinha* → [lutríneo da espécie] *Enhydra lutris*) ou para um conjunto heterogéneo, artificial, de tais unidades taxonómicas (grupos de organismos «informais», com *correspondência taxonómica compósita*: p. ex., *cobra-capelo* → [conjunto de espécies de serpentes da subfamília Elapinae da família Elapidae adscritas aos géneros] *Naja* + *Ophiophagus* + *Pseudohaje* + *Hemachatus* + *Aspidelaps*).

- 4 **Siglas das obras de referência:** *AF*: *A Fauna: Vida e Costumes dos Animais Selvagens*, de Rodríguez de la Fuente et al. (1971); *EAA*: *Enciclopédia dos Animais – Aves: Um Guia Visual Completo*, de McGhee et al. (2007); *EAM*: *Enciclopédia dos Animais – Mamíferos: Um Guia Visual Completo*, de Bruce e McGhee (2007); *EAR*: *Enciclopédia dos Animais – Répteis, Anfíbios e Invertebrados: Um Guia Visual Completo*, de Tait et al. (2007); *GEA*: *Grande Enciclopédia Animal*, de Burnie et al. (2002). **Abreviaturas e símbolos:** **al.:** alemão; **esp.:** espanhol ou castelhano; **fam.:** família; **fr.:** francês; **gén.:** género; **ingl.:** inglês; **it.:** italiano; **n.c.:** nome científico; **port.:** português; **sp.:** espécie; **subfam.:** subfamília; *****: antes de uma unidade lexical ou solução tradutiva, denota a sua natureza incorreta; **(*)**: antes de uma unidade lexical ou solução tradutiva, denota a sua natureza subótima; ******: depois de uma unidade lexical, denota que se trata de um neologismo cunhado aqui pelo autor do presente trabalho; **<**: o elemento à esquerda é cunhado/traduzido mediante decalque a partir do elemento à direita; **>**: o elemento à direita é cunhado/traduzido mediante decalque a partir do elemento à esquerda. **Convenções gráficas especiais do artigo:** itálico + sublinhado: empréstimo não adaptado (escreva-se sempre em itálico). Exemplo: «(*)*krait-marinha* 'ofídio marinho do gén. *Laticauda*' (< ingl. *sea krait*)»: solução portuguesa subótima, que inclui empréstimo não adaptado (frente às mais expressivas *búngaro-marinho*** ou *cobra-marinha-de-cauda-chata***, cunhadas aqui pelo autor do presente estudo).

atualizadas em *GEA*, *EAA*, *EAM* e *EAR*) – são a existência de *profusão denominativa* para um dado grupo (secção 1.1) e a existência de *défice denominativo* para um dado grupo (secção 1.2). De longe, o problema zoonímico mais complexo, e que a mais inadequações tradutivas dá origem, é o *défice denominativo*, situação que pode requerer do tradutor/redator a cunhagem em português de um neologismo (subsecção 1.2.2), frequentemente sob a forma de disponibilização de uma denominação vernácula erudita mediante decalque, expediente particularmente problemático (subsecção 1.2.2.3).

1.1. Problema zoonímico: verifica-se *profusão denominativa* para um dado grupo de organismos

Um problema zoonímico frequente, mas que costuma apresentar fácil resolução, deriva do facto de em português (e na própria variedade nacional de português), para designar um dado grupo de animais, estarem disponíveis, não uma, mas duas ou várias denominações vernáculas (eruditas) satisfatórias. Então, costuma ser preciso seleccionar uma dessas denominações para o seu uso exclusivo no texto de chegada ou, pelo menos, para o seu uso como denominação preferente. Neste caso, para além de se ter em conta o critério das respectivas frequências de uso (facilmente aferíveis mediante um motor de pesquisa internet), revela-se conveniente também realizar uma avaliação qualitativa de cada solução, que atente na sua expressividade e na sua concordância formal com as correspondentes soluções habilitadas noutras línguas próximas de relevância científica (como, sobretudo, o inglês e o alemão: v. *infra*), concordância ou paralelismo formal que costuma verificar-se devido aos decalques frequentemente efetuados entre as línguas.

Assim, por exemplo, como equivalentes vernáculos portugueses de ingl. *ivory-billed woodpecker*, de al. *Elfenbeinspecht*, de esp. *picamaderos picomarfil* ou (*pájaro*) *carpintero real*, de fr. *pic à bec ivoire* e de it. *picchio dal becco avorio* ‘pica-pau (norte-americano) da sp. *Campephilus principalis*’, registam-se na internet *pica-pau-bico-de-marfim*, *pica-pau-mármore* e *pica-*

pau-real. Destes três nomes vernáculos (eruditos) portugueses, o melhor é *pica-pau-bico-de-marfim*, já que, além de ser de uso muito mais frequente que os outros dois, ele apresenta uma feição mais expressiva ou descritiva e, tendo surgido por decalque, harmoniza semanticamente com as respetivas denominações inglesa, alemã, espanhola (preferente), francesa e italiana. De facto, entre as nossas obras de referência, na *EAA* (p. 149), a tradutora usou *pica-pau-bico-de-marfim*. No entanto, já no caso seguinte, a denominação vernácula (erudita) seleccionada na tradução não se revela plenamente satisfatória:

(*) ***grou-americano*** ‘grou da sp. *Grus americana*’ [*EAA*: 42–43] (< ingl. *whooping crane* [= al. *Schreikranich* = esp. *grulla trompetera*]), por ***grou-assobiador*** ou ***grou-cantor***: uma vez que o *Grus americana* não é o único grou que habita no continente americano (cf. *grou-canadiano* ‘grou da sp. *Antigone canadensis* [= *Grus canadensis*]’), mais adequadas se revelam as denominações ***grou-cantor*** (que ocorre, p. ex., em *AF* [vol. IV: 194, 203], junto com *grou-branco(-americano)*) e ***grou-assobiador*** (presente na *GEA*: 298; v. *infra* **grou-americano* na *GEA*), denominações, estas últimas, que concordam (vocalizações da ave!) com ingl. *whooping crane*, al. *Schreikranich* e esp. *grulla trompetera*⁵.

5 No presente trabalho, como se aprecia neste parágrafo, a exposição das inadequações zoonímicas adota uma estrutura integrada pela sucessão dos elementos que a seguir se indicam: em tipo negrito, denominação inadequada (asterisco) ou subótima (asterisco encerrado entre parênteses) objeto de comentário; entre aspas inglesas simples, denotação, correspondência taxonómica, da denominação; entre colchetes, obra de referência (em sigla) e páginas onde surge a denominação focalizada; entre parênteses, precedida pelo sinal <, denominação inglesa (e equivalentes alemão e espanhol) de que a denominação portuguesa focalizada deriva (por tradução/decalque); em tipo negrito, precedidas pela preposição *por*, soluções portuguesas alternativas aqui propostas como corretas e funcionais; após dois pontos, explicação da inadequação e da respetiva emenda.

1.2. Problema zoonímico: verifica-se *défice denominativo* para um dado grupo de organismos

Neste caso, não está disponível em português, como alternativa ou complemento à denominação científica, qualquer denominação popular na respetiva variedade nacional de português, nem qualquer denominação paracientífica ou vernácula erudita (satisfatória). Perante a existência de um destes défices denominativos, o tradutor (ou redator), no quadro da tradução (ou redação) de uma obra didático-divulgadora que aspire a ser *comunicativa*, será chamado a cunhar e utilizar no texto (de chegada) português uma nova denominação, vernácula erudita ou paracientífica (subsecção 1.2.2). Todavia, se fizer tal de forma precipitada e irrefletida, o tradutor/redator corre o risco de produzir inadequações zoonímicas, o que é explicado a seguir.

1.2.1. Inadequação zoonímica: a cunhagem de denominação de grupo zoológico (neologismo) efetuada pelo tradutor/redator revela-se inconveniente

Esta categoria de inadequação zoonímica, a cunhagem abusiva de neologismo zoonímico, pode ficar a dever-se às circunstâncias que se descrevem nas duas subsecções seguintes.

1.2.1.1. Inadequação zoonímica: a cunhagem de denominação de grupo zoológico (neologismo) efetuada pelo tradutor/redator é inconveniente porque já estava disponível em português denominação paracientífica ou vernácula erudita satisfatória

Nas circunstâncias descritas na epígrafe, a nova denominação instaurada pelo tradutor representa um *sinónimo de tradução*, o qual, embora possa estar, ele próprio, bem formado, deve ser conceituado como supérfluo e, portanto, inconveniente. Nas amostras retiradas das nossas obras de referência, descobrimos os seguintes casos desta inadequação zoonímica:

- (*) **ave-jardineira** ‘pássaro da fam. Ptilonorhynchidae’ [GEA: 359] (< ingl. *bowerbird* [= al. *Laubenvogel* = esp. (*pájaro*) *pergolero*, *ave de emparrado*]), por (**pássaro-)***jardineiro* ou **pássaro-das-pérgulas**: em AF (vol. IX: 97–103), os tradutores já tinham cunhado (mediante decalque) e utilizado as denominações vernáculas portuguesas (**pássaro-)***jardineiro* e **pássaro-das-pérgulas** (junto com a paracientífica identificadora *ptilonorrinco*), que são corretas e, de facto, mais corretas do que o indevido sinónimo de tradução (*)*ave-jardineira*, uma vez que os ptilonorrinquídeos são aves da ordem Passeriformes, quer dizer, pássaros.
- (*) **construtor** ‘pássaro da fam. Ptilonorhynchidae’ [GEA: 359; EAA: 165] (< ingl. *bowerbird* [= al. *Laubenvogel* = esp. (*pájaro*) *pergolero*, *ave de emparrado*]), por (**pássaro-)***jardineiro* ou **pássaro-das-pérgulas**: v. *supra* (*)*ave-jardineira*.
- * **musaranho-toupeira** ‘toupeira da tribo Desmanini (da subfam. Talpinae, fam. Talpidae, ordem Eulypotyphla [parte do antigo táxon Insectivora])’ [GEA: 107] (< ingl. *desman* [= al. *Desman* = esp. *desmán*]), por **toupeira-aquática** ou **toupeira-de-água**: não havia necessidade de cunhar e utilizar na GEA qualquer neologismo, quando já em AF (vol. IX: 97–103) e, p. ex., em MACDONALD e BARRETT (1999, p. 38) constavam as satisfatórias soluções *toupeira-aquática* e *toupeira-de-água* (esta última, posteriormente usada em EAM: 60); além do mais, a nova denominação gratuitamente instaurada é disfuncional: v. *infra* 1.2.2.3.4.

1.2.1.2. Inadequação zoonímica: a cunhagem de denominação de grupo zoológico (neologismo) efetuada pelo tradutor/redator é inconveniente porque, embora não haja em português qualquer denominação paracientífica nem vernácula erudita disponível, sim está disponível numa outra variedade nacional de português uma ou várias denominações vernáculas populares convenientemente incorporáveis à própria variedade nacional de português

Uma prolongada incomunicação entre Portugal e o Brasil, e a tradicional dependência verificada em Portugal de produtos culturais e

editoriais britânicos, franceses e espanhóis explicam que, com elevada frequência, na bibliografia zoológica portuguesa se tenha optado, injustificadamente, por designar com os correspondentes nomes ingleses, franceses ou espanhóis grupos de animais que apresentam distribuição geográfica no Brasil e que dispõem no português brasileiro de denominação vernácula popular satisfatória, deplorável circunstância que, em sentido inverso, também se regista no Brasil e que se tem repercutido na praxe lexicográfica luso-brasileira (GARRIDO, 2016b, p. 77–95).

Deixando de parte uma série bem justificada de exceções já consagradas pelo uso – devidas, sobretudo (GARRIDO, 2016b, p. 92–93), à natural preferência lusitana, nalguns casos, por americanismos internacionais (*caimão* frente a *jacaré*, *jaguar* frente a *onça(-pintada)*, etc.) e por denominações vernáculas eruditas de caráter sistematizador e internacionalizante sobre as correspondentes populares brasileiras (*esquilo-brasileiro* frente a *caxinguelê*, *tapir-amazônico* frente a *anta*, etc.), na maior parte dos casos é claro que não faz sentido que grupos de animais brasileiros com nome português recebam, na bibliografia lusitana, nomes discordantes dos brasileiros utilizados em línguas diferentes do português (ex.: **aguti*, por *cutia*; **armadillo*, por *tatu*; **mapache*, por *guaxinim*), tanto mais quanto que a internet, felizmente, tem vindo a reforçar e a facilitar em larga medida a comunicação cultural e científica entre as duas margens lusófonas do Atlântico. Por exemplo, em referência a uma das inadequações zoonímicas aqui respigadas, revela-se deplorável e injustificável que os pássaros brasileiros designados no português do Brasil como *saí(ra)s* e *tiês*, pertencentes à família Thraupidae, sejam chamados *tangarás* na *GEA* e na *EAA*, acontecendo que no Brasil *tangarás* são pássaros da família Pipridae (v. *infra*), o que representa um gratuito e notável empecilho à comunicação no campo ornitológico entre portugueses e brasileiros. Precisamente, em benefício dessa comunicação, em obras divulgadoras de história natural editadas em Portugal, como as aqui analisadas, naqueles casos de designação de grupos animais brasileiros em que a divergência zoonímica

entre Portugal e o Brasil estiver justificada, revela-se conveniente incorporar adicionalmente nos textos lusitanos, com a correspondente marca geográfica, tais brasileirismos, como, por exemplo, *onça(-pintada)* [Br], subordinado a *jaguar*, e *onça-parda* [Br] ou *suçuarana* [Br], subordinados a *puma*.

Como se aprecia mediante uns poucos exemplos na **Tabela 1**, esta natural e útil abertura lusitana à zoonímia brasileira no caso da designação de grupos zoológicos sul-americanos tem vindo a incrementar-se ao longo do tempo, pelo menos se tomarmos como referência as enciclopédias divulgadoras *AF*, *GEA* e *EAA/EAM*. No entanto, o melhoramento nesse sentido não é completo, e, como a seguir veremos, nem sequer na nossa obra mais recente, na *Enciclopédia dos Animais: Um Guia Visual Completo*, a incorporação de denominações brasileiras tem sido feita na quantidade necessária e com a correção devida. Dois exemplos em que se manifesta essa abertura insuficiente são, por um lado, na p. 41 da *EAM*, que, para o marsupial *Caluromysiops irrupta*, surge o rótulo subordinado «(no Brasil: cuíca-colete)», e para *Caluromys philander*, «(no Brasil: cuíca-lanosa)», mas, ao mesmo tempo, as denominações aí propostas para Portugal são, respetivamente, as anglicizantes **opossum-de-ombros-pretos* (< ingl. *black-shouldered opossum*) e **opossum-lanoso* (< ingl. *bare-tailed woolly opossum*); por outro lado, no caso dos mefitídeos (*EAM*: 109), embora estejam corretas as legendas «(no Brasil: jaritataca)», em relação a *Conepatus semistriatus*, e «(no Brasil: zorrilho)», em relação a *Conepatus chinga*, já a legenda «(no Brasil: cangambá)», respeitante a *Mephitis mephitis*, está incorreta, porque *cangambá* é sinónimo de *jaritataca* e, portanto, também corresponde a *Conepatus semistriatus*.

Tabela1: Progressiva descastelhanização zoonímica (mas ainda não completa) em três enciclopédias divulgadoras portuguesas sobre fauna, aqui exemplificada com 7 grupos de animais (sul-americanos) que dispõem de nome vernáculo popular no Brasil

Táxon (n. c.)	AF (1971)	GEA (2002)	EAA/EAM (2007)
<i>Callithrix</i>	<i>titi</i> (vol. VIII, p. 177, 199)	<i>titi</i> (p. 127)	<i>saguim</i> (EAM: p. 79)
Cariamidae	<i>cariama</i> (vol. VIII, p. 227)	<i>seriema</i> (p. 301)	<i>seriema</i> (EAA: p. 97)
<i>Crax</i>	<i>hoco</i> (vol. VIII, p.105)	<i>mutum</i> (p. 295)	<i>mutum</i> (EAA: p. 48)
<i>Dasyprocta</i>	<i>aguti</i> (vol. VIII, p.158, 161)	<i>cutia</i> (p. 158)	<i>cutia</i> (EAM: p. 208)
<i>Leopardus pardalis</i>	<i>ocelote</i> (vol. VIII, p. 209)	<i>ocelote</i> (p. 211)	<i>ocelote</i> (EAM: p. 131), por <i>jaguatirica</i>
<i>Nyctibius</i>	<i>Nyctibius</i> (vol. VIII, p. 138)	* <i>ibijau</i> (p. 322) [v. <i>infra</i>]	<i>urutau</i> + <i>potoo</i> (EAA: p. 130)
<i>Procyon</i>	<i>mapache</i> (vol. v, p. 198)	<i>mapache</i> (p. 195)	<i>guaxinim</i> + <i>mapache</i> (EAM: p. 118)

Por conseguinte, neste capítulo, podem ocorrer dois tipos de inadequações zoonímicas, ausência da pertinente denominação vernácula popular brasileira, naturalmente incorporável ao português de Portugal (substituída por uma denominação erudita de cunho estrangeiro, surgida por decalque ou por empréstimo), e presença de uma denominação vernácula popular brasileira incorreta (a que falta especificidade ou que designa um grupo zoológico impertinente), tendo sido todas estas inadequações detetadas nas nossas obras de referência:

**mapache* [GEA: 195] / *guaxinim* + **mapache* [EAM: 118] ‘procionídeos do gén. *Procyon*’ (< ingl. *raccoon* [= esp. *mapache*]), por *guaxinim*: ainda que no português de Portugal predomine hoje o uso do castelhanismo (de origem náuatle) *mapache* (v., p. ex., MACDONALD e BARRETT, 1999, p. 101, 107, pranchas 19 e 21), o natural é nele adotar a correspondente denominação brasileira preferente (de origem tupi) *guaxinim*, a qual designa no Brasil sobretudo o procionídeo autóctone *Procyon cancrivorus*, o guaxinim-caranguejeiro ou mão-pelada (v. *infra*).

- ***mapache + urso-lavador** [GEA: 195] ‘procionídeo da sp. *Procyon lotor*’ (< ingl. (common) *raccoon* [= esp. **mapache (boreal)**]), por **guaxinim-norte-americano + urso-lavador**: v. *supra* ***mapache**.
- ***mapache-caranguejeiro** [GEA: 195] ‘procionídeo da sp. *Procyon cancrivorus*’ (< ingl. *crab-eating raccoon*, *South American raccoon* [= esp. **mapache sudamericano**]), por **guaxinim-caranguejeiro** ou **guaxinim-sul-americano + mão-pelada**: v. *supra* ***mapache**.
- ***mofeta** ‘diversas espécies de mefitídeos dos gén. *Conepatus*, *Mephitis* e *Spilogale*’ [GEA: 200; EAM: 109] (< ingl. *skunk* [= esp. **mofeta**]), por **doninha-fedorenta**: esta é denominação vernácula popular (patrimonial) frequente no Brasil, país em que habitam espécies do grupo.
- ***ocelote** ‘felídeo da sp. *Leopardus pardalis*’ [GEA:211; EAM: 131] (< ingl. *ocelot* [= esp. **ocelote**]), por **jaguaritica**: o animal vive no Brasil, e *jaguaritica* é denominação vernácula popular (do adstrato tupi) brasileira (preferente).
- ***opossum** ‘marsupial (americano) da ordem Didelphimorphia’ [GEA: 92; EAM: 41] (< ingl. *opossum*, *American possum*), por **gambá** ou **sariguê** ou **sarigueia**: representantes deste grupo vivem no Brasil, e *gambá* e *sariguê* ou *sarigueia* são denominações vernáculas populares brasileiras (preferentes). Em português deve reservar-se (o)possum para os australianos Phalangeriformes.
- ***pássaro-das-vacas-de-cabeça-castanha** ‘pássaro americano da sp. *Molothrus ater* (fam. Icteridae)’ [GEA: 107] (< ingl. *brown-headed cowbird*), por **chupim-de-cabeça-castanha**** ou **vira-bosta-de-cabeça-castanha****: o vocábulo inglês *cowbird* designa pássaros americanos da família Icteridae pertencentes ao género *Molothrus* (e *Tangavivus*), os quais põem os ovos nos ninhos de outros pássaros e se alimentam nas proximidades do gado que está a pascor. Na GEA, a solução que para verter *brown-headed cowbird* se oferece não parece feliz porque a tradutora não se limita a cunhar o epíteto específico *de-cabeça-castanha* (proceder, este, justificado pela inexistência em português de denominação vernácula para a espécie americana em foco, que não vive no Brasil), como também, e

indevidamente, inventa a denominação vernácula de género (**pássaro-das-vacas*), quando no Brasil estão já disponíveis vários nomes populares para designar as aves do género *Molothrus*: *boiadeiro*, *chupim*, *vaqueiro*, *vira(-bosta)*, etc. (VON IHERING, 2002, s.v. “chupim”; dicionário *Houaiss*, s.v. “chupim”). Destes nomes, aqueles que parecem mais difundidos são *chupim* (ao qual os dois dicionários referidos concedem prioridade) e *vira(-bosta)*. (Já na *EAA*, p. 207, a espécie *Molothrus banariensis* é rotulada, embora sem a suficiente especificidade, como *chopim* e *vira-bosta*).

(*) **quincaju** ‘procionídeo da sp. *Potos flavus*’ [*GEA*:195] (< ingl. *kinkajou* [= esp. *kinkajú*, *martucha*]), por **jupará** + **quincaju** + **macaco-da-meia-noite**: o animal vive no Brasil, e *jupará* é denominação vernácula popular brasileira preferente.

***titi** ‘símio platirrino do gén. *Callicebus* (fam. Pitheciidae)’ [*GEA*:125; *EAM*: 80] (< ingl. *titi (monkey)* [= esp. *titi*]), por **sauá**: o animal vive no Brasil, e *sauá* é denominação vernácula popular brasileira (preferente) (v. *infra* ***titi** ‘símio da fam. Callitrichidae’).

***titi** ‘símio platirrino dos gén. *Callithrix/Saguinus* (fam. Callitrichidae)’ [*GEA*: 126–127] (< ingl. *marmoset/tamarin* [= esp. *titi*]), por **sagui(m)** (do gén. *Callithrix/Saguinus*): em inglês, o vocábulo *marmoset* designa os macacos calitriquídeos dos gén. *Callibella*, *Callithrix*, *Cebuella* e *Mico*, enquanto que em português tais macacos são denotados pelo vocábulo *sagui(m)*, o qual, no entanto, também compreende os calitriquídeos dos géneros *Callimico* (= ingl. *Goeldi’s monkey*), *Leontopithecus* (= ingl. *lion tamarins*) e *Saguinus* (= ingl. *tamarins*); por sua vez, o vocábulo espanhol *titi* designa vários grupos de platirrinós, entre os quais todos os géneros da família Callitrichidae. (Já corretamente designados, como *saguim*, em *EAM*: 79).

***titi-leão** ‘calitriquídeo do gén. *Leontopithecus* (fam. Callitrichidae)’ [*GEA*: 127] (< ingl. *lion tamarin* [= esp. *titi león*]), por **mico-leão**: o animal vive no Brasil, e *mico-leão* é denominação vernácula popular brasileira (preferente). (Já corretamente designado em *EAM*: 79).

- ***cangambá** ‘mefitídeo norte-americano da sp. *Mephitis mephitis*’ [EAM: 109] (< ingl. *striped skunk*), por **doninha-fedorenta-(norte-americana)-raiada****: **cangambá**, sinónimo de *jaritataca*, é denominação vernácula popular brasileira do mefitídeo *Conepatus semistriatus*, presente no território brasileiro.
- ***gambá** ‘mefitídeo do gén. *Conepatus*’ [GEA: 200; EAM: 109] (< ingl. (*hog-nosed*) *skunk* [= al. (*Weißrüssel*)*Skunk* = esp. *zorrillo (de nariz porcina)*, *mofeta (de nariz porcina)*]), por **doninha-fedorenta(-de-focinho-de-porco**)**: ***gambá** designa marsupiais da ordem Didelphimorphia.
- ***tangará** ‘pássaros da fam. Thraupidae’ [GEA: 354; EAA: 210] (< ingl. *tanager* [= al. *Tangare* = esp. *tangara, tángara*]), por **saíras** ou **saís** e **tiês**: representantes da fam. Thraupidae habitam no Brasil, onde são conhecidos pelos nomes vernáculos populares citados; além disso, no Brasil, os *tangará*s, *dançarinos* ou *dançadores* são pássaros da família Pipridae (gén. *Chiroxiphia*, *Pipra*, *Heterocercus*). Observe-se que, em EAA: 210, apesar de os representantes da fam. Thraupidae serem referidos globalmente, na respetiva ficha da família, como «tangará» («**Família Thraupidae** Os tangará (no Brasil designados por saís ou saíras) [...]»), quase todas as ilustrações de representantes desta família são etiquetadas, de forma exclusiva ou parcial, com as denominações genéricas de *sai* ou *saira*⁶.
- ***guaxinim** [EAM: 118] ‘procionídeo da sp. *Procyon lotor*’ (< ingl. (*common*) *raccoon* [= esp. *mapache boreal*]), por **guaxinim-norte-americano** (ou **urso-lavador**): além do guaxinim-norte-americano, existe o guaxinim-caranguejeiro ou guaxinim-sul-americano ou mão-pelada, que vive no Brasil.
- ***ibijau** ‘ave caprimuliforme do gén. *Nyctibius*’ [GEA: 322] (< ingl. *potoo*), por **urutau**: **ibijau** é sinónimo, no Brasil, de *bacurau*, cujo equivalente no

6 O problema já surge em AF, pois no vol. VIII, p. 104, 107 e 121, decalcando o cast. *tangara* ou *tángara*, surgem referências a *saíras* sob o nome errado de *tangará*.

português de Portugal é *noitibó*; portanto, *ibijau* designa (no Brasil) todos os caprimulgiformes, e não, especificamente, os do gén. *Nyctibius* (em EAA: 130 já surge *urutau* como denominação do gén. *Nyctibius*).

urutau* ‘caprimulgiforme da sp. *Nyctibius griseus*’ [EAA: 130] (< ingl. *common potoo*, *lesser potoo*), por *urutau-comum* ou *urutau-menor* : a correspondência taxonómica de *urutau* é ‘ave caprimulgiforme do gén. *Nyctibius*’.

1.2.2. Problema zoonímico: a cunhagem de denominação de grupo zoológico por parte do tradutor/redator (neologismo) revela-se necessária

Se para um determinado grupo zoológico não estiver disponível em português qualquer denominação vernácula ou paracientífica (satisfatória), alternativa à científica, em benefício da comunicatividade, e especialmente no quadro da redação ou tradução de textos divulgadores, revela-se necessária a cunhagem da correspondente denominação (neologismo). Em muitos casos, esta cunhagem poderá ser conveniente mesmo se, para um dado grupo, já existir uma denominação vernácula popular, quando se trata de disponibilizar denominações vernáculas eruditas de carácter sistematizador, livres da falta de especificidade e das colisões designativas que, no seio de um grupo, com frequência pejam alguns nomes populares (v. *infra* o caso dos tatus).

Aquando da cunhagem de denominação de grupo zoológico por parte do tradutor/redator, este pode recorrer a três estratégias: a disponibilização de denominação paracientífica (identificadora) (v. *infra* 1.2.2.1; ex.: *bassarisco* ‘procionídeo do gén. *Bassariscus*’, *búngaro* ‘ofídio elapídeo do gén. *Bungarus*’, *picartartes* ‘pássaro do gén. *Picathartes* (fam. Picathartidae)’), disponibilização de denominação vernácula erudita mediante adoção de empréstimo (v. *infra* 1.2.2.2; ex.: (*cobra*-)*gwardar* ‘ofídio elapídeo da sp. *Pseudonaja nuchalis*’, *guácharo* ‘ave da sp. *Steatornis caripensis* (fam. Steatornithidae)’, *hi-hi* ‘pássaro da sp. *Notiomystis cincta* (fam. Notiomystidae)’, *pichiciego* ‘tatu dos

gén. *Calyptophractus* ou *Chlamyphorus*) e disponibilização de denominação vernácula erudita mediante decalque e/ou composição, com eventual restrição específica de denominações vernáculas populares (v. *infra* 1.2.2.3; ex.: *carricha-australasiática-de-coroa-violeta*** ‘pássaro da sp. *Malurus coronatus* [fam. Maluridae]’ [< ingl. *purple-crowned fairywren*], *cobra-de-tentáculos* ‘ofídio da sp. *Erpeton tentaculatum* [fam. Homalopsidae]’ [GEA: 388] [< ingl. *tentacled snake*], *rã-de-boca-estreita* ‘batráquio da fam. Microhylidae’ [GEA: 456] [< ingl. *narrow-mouthed frog* = al. *Engmaulfrosch*]). Segundo os casos, alguma destas estratégias pode revelar-se mais adequada do que as outras (v. *infra*).

Por conseguinte, constitui inadequação utilizar no texto didático-divulgador de forma exclusiva o nome científico de um grupo de animais, mesmo que ele, na altura, careça de denominação alternativa em português, quando o tradutor/redator pode habilitar mediante cunhagem uma denominação paracientífica ou vernácula (erudita) satisfatória:

(*Idolum diabolicum* [= *Idolomantis diabolica*] + 0)** ‘mantódeo da sp. *Idolomantis diabolica*’ [EAR: 167] (< ingl. (*giant*) *devil’s flower mantis*), por *Idolomantis diabolica* + ***mântis-flor-diabólica** ou ***louva-a-Deus-flor-diabólico***** (se não se quiser evitar a combinação do substantivo *Deus* com o adjetivo *diabólico*)⁷.

7 No presente artigo, bem como no nosso planeado e já encetado *Dicionário de Zoologia e Sistemática* – continuação do nosso *Dicionário de Zoologia e Sistemática dos Invertebrados* (2019a) e que, além dos animais invertebrados, também incluirá os vertebrados – utilizaremos, quando for pertinente de acordo com as regras ortográficas gerais, maiúsculas iniciais no interior das denominações vernáculas portuguesas de grupos de organismos, em contraste com o hábito até agora dominante de substituir tais maiúsculas por minúsculas (ex.: *cobra-capelo-do-Egito* [em vez de *cobra-capelo-do-egito*], *diamante-de-Gould* [em vez de *diamante-de-gould*], *foca-de-Weddell* [em vez de *foca-de-weddell*], *louva-a-Deus* [em vez de *louva-a-deus*]). Com este alvitre de *ortografia técnica* (autónoma a respeito das normas ortográficas gerais da língua), aspiramos a eliminar, nesse capítulo, as incoerências gráficas que muitos textos de biologia mostram, tornando constante o uso do hífen entre as palavras componentes de tais denominações, aspeto gráfico, este, sim exigido pelas normas ortográficas gerais (v. alínea 3.^a da base xv do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*): assim, p. ex., em AF, as denominações vernáculas que incluem nome próprio surgem, irregularmente, sem hífenes entre as palavras componentes (*rinoceronte de Java*, *rinoceronte de Merck*, *rinoceronte de Samatra*,

Neste contexto, um caso muito particular é constituído pelas 23 espécies de macacos cercopitecídeos do género *Macaca*, já que, embora em português estejam disponíveis denominações vernáculas (eruditas) para as diversas espécies do género (ex.: *macaco-berbere* ou *macaco-de-Gibraltar* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca sylvana*’, *macaco-caranguejeiro* ou *macaco-*

etc., frente a *rinoceronte-branco*, *rinoceronte-indiano*, etc.), o mesmo acontecendo na *GEA* (v., entre outras, p. 229–230). No entanto, são as duas razões seguintes que principalmente nos movem a adotarmos o referido uso gráfico. Em primeiro lugar, o uso de maiúscula inicial nos nomes próprios integrados em denominações vernáculas pluriverbais de grupos de organismos revela-se solução coerente, já que as palavras unidas por hífen mantêm a sua integridade no relativo ao emprego de maiúscula inicial noutras categorias de compostos: *el-Rei* (como título), e não **el-rei*; *Grã-Bretanha*, e não **Grã-bretanha*; *Pré-Helenos*, e não **Pré-helenos*; *Pré-História* (como denominação de disciplina), e não **Pré-história*; *Vice-Presidente* (como título, não como denominação genérica), e não **Vice-presidente*; *Vice-Rei* (como título, não como denominação genérica), e não **Vice-rei* (o vocábulo *água-de-colónia* não constitui aqui contraexemplo, porquanto o componente *colónia* ficou lexicalizado). Além do mais, o uso de maiúscula inicial nos nomes próprios integrados em denominações vernáculas pluriverbais de grupos de organismos representa a solução gráfica mais clara, a qual, nalguns casos, pode servir para desfazer ambiguidades e equívocos: *dik-dik-de-Kirk* (*Madoqua kirkii*), melhor do que *dik-dik-de-kirk*, por clareza na identificação dos componentes; *monstro-de-Gila*, melhor do que *monstro-de-gila*, pois trata-se do rio Gila (Arizona, EUA), não de *gila* ‘cucurbitácea’; *lebre-do-Cabo* (*Lepus capensis*), melhor do que *lebre-do-cabo*, pois trata-se do Cabo da Boa Esperança, e não, p. ex., de um cabo condutor ou de qualquer cabo geográfico; *pombo-da-Madeira* (*Columba trocaz*), melhor do que *pombo-da-madeira*, pois trata-se de uma espécie de pombo endémica do arquipélago da Madeira, não de um pombo relacionado com o material madeira; *tigre-de-Bengala* (*Panthera tigris tigris*), melhor do que *tigre-de-bengala*, pois trata-se de Bengala, e não de um bastão; (*corvina*)-*rainha-de-Camarões*, peixe (da família Sciaenidae) *Pseudotolithus moorii* (= ingl. *Cameroon croaker*), melhor do que (*corvina*)-*rainha-de-camarões*, pois trata-se do país Camarões, e não dos crustáceos decápodes nadadores. De resto, embora este alvitre gráfico ainda esteja pouco estendido, nós não somos os primeiros estudiosos a aplicá-lo: entre os textos zoológicos recentemente publicados em Portugal, vemo-lo aplicado, ocasionalmente, na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo – Século XXI*, nos artigos de tema zoológico de Fernando Frade (ex.: s.v. “zebra”: *zebra de Grévy*, mas tb. *zebra-de-Burchell*, *zebra-de-Chapman*, *zebra-de-Hartmann*, *zebra-de-Selous*) e no guia *Mamíferos de Portugal e Europa (Guia Fapas)* (MACDONALD e BARRETT, 1999; ex.: *morcego-de-Bechstein* [*Myotis bechsteinii*, p. 63], *morcego-de-Kuhl* [*Pipistrellus kuhlii*, p. 67], *morcego-de-Nathalina* [*Myotis nathalinae*, p. 63], *morcego-de-Savi* [*Hypsugo savii*, p. 67]), e, já de forma constante, sistemática, no guia *Anfíbios e Répteis de Portugal (Guia Fapas)* (FERRAND DE ALMEIDA et al., 2001), obra composta originalmente em português por biólogos portugueses (*lagartixa-da-Madeira* [*Lacerta dugesii*, p. 196], *lagartixa-de-Bocage* [*Podarcis bocagei*, p. 142], *lagartixa-de-Carbonell* [*Podarcis carbonelli*, p. 144], *osga-das-Selvagens* [*Tarentola bischoffi*, p. 195], *tartaruga-da-Flórida* [*Trachemys scripta*, p. 198], *tartaruga-de-Kemp* [*Lepidochelys kempii*, p. 191], *víbora-de-Seoane* [*Vipera seoanei*, p. 183]).

cinomolgo ‘cercopitecideo da sp. *Macaca fascicularis*’, *macaco-reso* ‘cercopitecideo da sp. *Macaca mulatta*’), para o género no seu conjunto não existe na nossa língua qualquer denominação paracientífica ou vernácula, e a sua cunhagem revela-se assaz complicada, para não dizer impossível. As causas de tal dificuldade ou impossibilidade prática são, em primeiro lugar, que o respetivo nome científico (*Macaca*), de que deveria derivar a correspondente denominação paracientífica, já provém do português, e coincide com o vocábulo *macaco -a* do português comum; em segundo lugar, as correspondentes denominações vernáculas nas diversas línguas europeias provêm, em geral, também do próprio português (al. *Makak(e)*, esp. *macaco*, fr. *macaque*, ingl. *macaque*, it. *macaco*, etc.), o que impossibilita em português um empréstimo ou decalque, e, em terceiro lugar, os macacos do género *Macaca* constituem um táxon que não apresenta qualquer carácter evidente privativo do grupo, a que se possa recorrer para forjar uma denominação neológica por composição⁸. Assim sendo, para verter para português os termos al. *Makak(e)*, esp. *macaco*, ingl. *macaque*, etc., tem de se recorrer, de forma exclusiva, à correspondente denominação científica, convenientemente antecedida da denominação vernácula ou paracientífica de um grupo superordenado, como *macaco*, *cercopitecideo* ou *cercopitecineo* (GARRIDO, 2019b), como mostra o nosso seguinte exemplo:

Sci. Am., 9/2018: 53 (SHERWOOD, 2018): «A link from the motor cortex to the brain stem coordinates the larynx muscles, a circuit absent in chimpanzees and macaques (C)»

Tradução nossa: «Uma ligação do córtex motor ao tronco encefálico coordena [no ser humano] os músculos da laringe, circuito ausente nos chimpanzés e nos macacos do género *Macaca* (C)»

8 Assim define *macaque*, p. ex., o *Collins English Dictionary*: «Any of various Old World monkeys of the genus *Macaca*, inhabiting wooded or rocky regions of Asia and Africa. Typically the tail is short or absent and cheek pouches are present», mas, na realidade, há espécies do género *Macaca* que têm cauda longa e, de facto, todos os cercopitecineos, e não apenas os do género *Macaca*, possuem bolsas faciais.

Neste sentido, na p. 130 da *GEA*, detetamos duas inadequações no tratamento do termo inglês *macaque*, que aí surge vertido para português do seguinte modo: «As cerca de 20 espécies de *Macaca* são adaptáveis e têm dietas variáveis.» Neste caso, *Macaca*, por se tratar de um nome científico de género, deveria ter sido grafado em tipo itálico e, na melhor opção, deveria ter-se utilizado, antes de *Macaca*, uma denominação de grupo superordenado, como, por exemplo, em «As cerca de 20 espécies de macacos/cercopitecídeos do género *Macaca* [...]»⁹.

1.2.2.1. Disponibilização de denominação paracientífica (identificadora) por parte do tradutor/redator

Em bastantes ocasiões, a cunhagem de uma denominação paracientífica (em paralelo, ou não, com o verificado noutras línguas de cultura próximas), diretamente derivada e adaptada a partir da científica (do nome de um género ou de um epíteto específico), representa uma solução neológica eficaz e menos exigente ou arriscada do que instaurar uma denominação vernácula por decalque. Nesta linha, será inadequação zoonímica e tradutiva, por um lado, não pôr em prática essa estratégia quando for conveniente e, por outro, executá-la mal, de modo a criar denominações paracientíficas defeituosas, como se aprecia nos seguintes casos:

**bungaru* ‘ofídio elapídeo do gén. *Bungarus*’ [*GEA*: 391] (< n.c. *Bungarus*), por *búngaro*: denominação paracientífica portuguesa mal formada (já em *EAR*, p. 75, surge corretamente *búngaro*).

**gato-de-cauda-anelada* ‘procionídeo do gén. *Bassariscus*’ [*GEA*: 194] (< ingl. *ringtail (cat)*), por *bassarisco*: os animais deste género são procionídeos, não felídeos, pelo que aqui se teria revelado mais funcional a solução paracientífica *bassarisco* (já incorporada à *EAM*, p. 118).

9 Como apontamento final relativo à questão da designação do género *Macaca* em português, permitimo-nos aqui uma proposta neológica: utilizarmos em português a denominação paracientífica *cinopiteco* (etimologicamente, ‘macaco-cão’), derivada do nome genérico obsoleto *Cynopithecus*, que alguma espécie do género *Macaca* apresentou no passado (como *Cynopithecus niger*, hoje *Macaca nigra*, o macaco-negro-de-crista).

gralha-calva-de-patas-altas** ‘pássaro da fam. Picathartidae e do gén. *Picathartes*’ [GEA: 348] (< ingl. *picathartes*, *bald crow*, *rock fowl* [= al. *Stelzenkrähe*, *Felshüpfer* = esp. *picartartes*, *pavo calvo*]), por **picartartes** (ou **(*)gralha-pernalta*): a denominação proposta não é adequada, por muito longa e, sobretudo, porque parece dar a entender que se trata de uma variedade de gralha-calva (corvídeo da espécie *Corvus frugilegus*). Já em EAA (p. 176) surge port. *picartartes* (*picartartes-de-cabeça-descoberta* para *Picathartes gymnocephalus*).

1.2.2.2. Disponibilização de denominação vernácula erudita por parte do tradutor/redator mediante adoção de empréstimo

A adoção de um empréstimo (mais ou menos adaptado às características do português) a partir de uma língua de cujo domínio geográfico o grupo animal em causa seja oriundo (e em paralelo ao verificado noutras línguas de cultura próximas) poderá representar uma solução neológica conveniente nalgumas ocasiões (ex.: port. *hi-hi* ‘pássaro da sp. *Notiomystis cincta* [fam. *Notiomystidae*]’ < maori *hihi*, em paralelo a ingl. *hihi*, *stitchbird* [= al. *Hihi*, *Stichvogel* = esp. *hihi*]), mas, em geral, a aplicação deste procedimento deve restringir-se tanto quanto possível, uma vez que os empréstimos, e sobretudo os não adaptados, pela sua feição, poderão suscitar estranheza no público lusófono. Portanto, podem reputar-se como inadequações zoonímicas e tradutivas neste capítulo, por um lado, pôr em prática este procedimento quando se teria revelado mais eficaz ou natural recorrer à habilitação de um nome paracientífico ou de um nome vernáculo surgido por decalque, e, por outro, quando a adoção do empréstimo se revela formalmente defeituosa, como se aprecia nos casos seguintes:

(*) **(cobra-)gwardar** ‘ofídio elapídeo da sp. *Pseudonaja nuchalis*’ [EAR: 77] (< ingl. *gwardar*, *northern brown snake* [= al. *Nördliche Braunschlange*]), por **cobra-castanha-(australiana-)nortenha****: o empréstimo *gwardar*, proveniente de uma língua aborígine australiana através do inglês, como denominação única da espécie *Pseudonaja nuchalis*, não parece conveniente em português, pela

sua opacidade semântica e pela sua estranheza formal, de modo que a solução alternativa aqui proposta, obtida no quadro do decalque (sistematizador) *cobra-castanha(-australiana)*** ‘ofídio elapídeo do gén. *Pseudonaja*’ (< ingl. *brown snake* [= al. *Braunschlange*]), se revela mais adequada.

**guacharo* ‘ave caprimulgiforme da sp. *Steatornis caripensis*’ [GEA: 321] (< ingl. *guácharo, oilbird* [= esp. *guácharo, pájaro aceitoso*]), por *guácharo* (forma já utilizada em EAA, p. 130): a grafia correta deste empréstimo do espanhol (venezuelano) é a acentuada que se assinala.

(*) *krait* ‘ofídio elapídeo do gén. *Bungarus*’ [GEA: 391] (< ingl. *krait* [= al. *Krait* = esp. *búngaro, krait*]), por *búngaro*: o empréstimo *krait*, incorporado a partir do hindí através do inglês, revela-se menos idiomático em português do que *búngaro*, a denominação paracientífica facilmente deduzível a partir do nome do correspondente género (já em EAR, p. 75, surge corretamente *búngaro*).

pichiciago-pequeno* ‘tatu da sp. *Chlamyphorus truncatus*’ [EAM: 55] (< ingl. *lesser fairy armadillo, pichiciego* [= al. *Kleiner Gürtelmull*]), por *pichiciego-menor* ou *pichiciego-pequeno*** ou *pichiciego-da-Pampa*** (v. tabela 3): a forma correta desta denominação vernácula, emprestada do espanhol, é *pichiciego*.

1.2.2.3. Disponibilização de denominação vernácula erudita por parte do tradutor/redator mediante decalque

O decalque em português das denominações vernáculas (ou híbridas paracientífico-vernáculas) disponíveis noutras línguas (europeias) de cultura para designar grupos de organismos exóticos, pré-históricos, inconspícuos ou indistintos – o que origina termos compostos íntegros ou, por vezes, o componente de restrição específica de denominações paracientíficas ou vernáculas populares portuguesas de carácter genérico (v. tabela 1 em GARRIDO, 2016b) – representa o expediente neológico mais produtivo para preencher lacunas zoonímicas. Idealmente, não deveria ser o tradutor ou o redator de uma obra didático-divulgadora quem tivesse de habilitar em português neologismos zoonímicos e, em particular, disponibilizar

denominações vernáculas mediante decalque, mas sim, de facto, instituições e associações integradas por zoólogos que, pela sua formação e competência, são capazes de compilar, com correção formal e funcional, aquilo que se chama *lista-padrão* de nomes vernáculos de um grande grupo animal, com alcance regional ou, no melhor dos casos, mundial. Ora, dado que no âmbito lusófono, que nos conste, e em contraste com o que acontece, sobretudo, em inglês e alemão, ainda não estão disponíveis listas-padrão zoonímicas de abrangência mundial para grandes grupos¹⁰, o tradutor ou redator em português de obras didático-divulgadoras, na prática, vê-se com frequência na necessidade de efetuar decalques para disponibilizar no seu texto denominações vernáculas (ou híbridas paracientífico-vernáculas) de grupos de organismos. Assim sendo, aqui interessa expormos as condições básicas para tal operação.

Os dois requerimentos fundamentais que no decalque zoonímico garantem a correção e a funcionalidade das soluções portuguesas instauradas são, por um lado, a riqueza e o rigor da fonte do decalque e, por outro, a perspectiva abrangente e sistematizadora do decalque. Quanto à primeira condição, diga-se que as línguas (europeias) que, de longe, dispõem de um elenco mais extenso e rigoroso de denominações vernáculas de grupos zoológicos são o inglês e o alemão¹¹, de modo que, se sempre se revelará de interesse tomar em consideração para o decalque o maior número possível de línguas-fonte, na prática, são aquelas duas as únicas línguas que, para tal

10 Assim, p. ex., em inglês, alemão, francês e espanhol existem listas-padrão de nomes vernáculos (e paracientíficos) para todas as espécies (e subespécies) de aves do mundo (no caso espanhol, lista compilada e difundida pela Sociedad Española de Ornitología). Infelizmente, que nos conste, até agora não tem surgido no âmbito lusófono uma lista-padrão de aves de abrangência mundial, embora sim para os domínios ibérico e europeu (p. ex., em SVENSSON, MULLARNEY e ZETTERSTRÖM, 2012) e brasileiro (Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, 2014, 2021).

11 De facto, o elenco alemão foi estabelecido, em parte, mediante decalques a partir das denominações inglesas: «Bei Tieren ferner Länder beruhen die deutschen Namen meist auf der Übersetzung der schon etwas früher vereinheitlichten engl. Namen.» (SAUERMOST, 1999–2004, s.v. “Nomina vernacularia”; trad. nossa: «As denominações alemãs de animais de regiões exóticas baseiam-se, na maior parte das ocasiões, na tradução das correspondentes denominações inglesas, padronizadas já um pouco antes.»).

operação, se constituem em necessárias e suficientes, pelo que o tradutor (ou redator) em português, na altura de efetuar um decalque zoonímico, e com independência da língua de partida da tradução, sempre deverá ter em vista as soluções (incluindo sinónimos) existentes em inglês e em alemão (hoje facilmente acessíveis nos artigos da *Wikipedia-en* e da *Wikipendia-de*). Se o tradutor ou redator não conhecer alguma dessas duas línguas, nelas deve contar, pelo menos, com capacidade de análise terminológica. A seguir, a tabela 2 apresenta um exemplo ilustrativo da eficácia do decalque a partir do inglês e do alemão para se habilitarem em português denominações vernáculas (eruditas) de grupos zoológicos exóticos¹²:

Tabela 2: Denominações vernáculas das três espécies atuais de vombates (marsupiais australianos da fam. Vombatidae) em inglês, alemão e português [1].

Nome científico	Nome vernáculo inglês	Nome vernáculo alemão [2]	Nome vernáculo português
<i>Vombatus ursinus</i>	bare-nosed wombat, common wombat, coarse-haired wombat	Nacktnasenwombat	vombate-de-nariz-nu, vombate-comum
<i>Lasiiorhinus kreffii</i>	northern hairy-nosed wombat	Nördlicher Haarnasenwombat	vombate-de-nariz-peludo-do-norte
<i>Lasiiorhinus latifrons</i>	southern hairy-nosed wombat	Südlicher Haarnasenwombat	vombate-de-nariz-peludo-do-sul

[1] Denominações inglesas extraídas da *Wikipedia-en* (s.v. “Wombat” e “Common wombat”), e alemãs, da *Wikipedia-de* (s.v. “Wombat”) e da *Lexikon der Biologie* (s.v. “Wombats”); denominações portuguesas extraídas, ou *inferidas* (v. *infra*), a partir da *GEA* (p. 95) e da *EAM* (p. 49). [2] Em alemão, os vombates do género *Lasiiorhinus* também se designam por *Breitstirnwombat*.

12 Um outro exemplo em tal sentido é o seguinte: ingl. *scrubjay* = al. *Buschhäher* (= esp. *chara*) ‘corvídeo norte-americano do gén. *Aphelocoma*’ > port. *gaio-do-mato***; ingl. *western scrubjay* = al. *Westlicher Buschhäher* ‘corvídeo da sp. *Aphelocoma californica*’ > port. *gaio-do-mato-californiano***.

O segundo requerimento básico de um bom decalque zoonímico, como referimos acima, é que ele seja efetuado com perspetiva abrangente e critério sistematizador. Com efeito, se um decalque de denominação vernácula de grupo de animais for feito de forma isolada, sem se ter em conta o correspondente grupo zoológico amplo superordenado, corre-se o risco de que a denominação assim cunhada careça da necessária especificidade ou entre eventualmente em colisão com as denominações de outros grupos (já previamente estabelecidas ou potencialmente atribuíveis), e possam surgir inconvenientes casos de homonímia, fonte de confusões. De facto, uma das razões que mesmo torna conveniente disponibilizar denominações vernáculas eruditas mediante decalque (efetuado com bom critério sistematizador) em certos grupos zoológicos que já dispõem de denominações vernáculas populares é, precisamente, que tais nomes populares podem carecer de especificidade, ser equívocos ou estar peçados pela homonímia e, portanto, revelarem-se disfuncionais. Assim, por exemplo, o *tatu-de-seis-bandas* (denominação erudita sistematizadora), *Euphractus sexcinctus*, apresenta uma denominação vernácula popular, *(tatu-)peludo*, que se revela disfuncional, porque a denominação *tatu-peludo* deve ser atribuída (numa nomenclatura funcional, sistematizadora) aos tatus do género *Chaetophractus*, que apresentam uma pelagem mais tupida e que, de facto, se chamam *hairy armadillos* em inglês e *Borstengürteltiere* em alemão (o formante grego *chaeto-* do nome científico também aponta para a ideia de pilosidade)¹³.

13 Mesmo que uma denominação vernácula popular se revele inequívoca, plenamente funcional, no quadro da compilação e cunhagem sistematizadora de um elenco de denominações vernáculas do seu grupo superordenado, poderá revelar-se conveniente vir a substituí-la por uma denominação vernácula erudita. V., p. ex., na **Tabela 3**, os casos de *Priodontes maximus* e de *Tolypeutes matacus*. Um outro exemplo tentativo nesta linha é o da denominação vernácula popular *sai(ra)-beija-flor* 'pássaro da sp. *Cyanerpes cyaneus* (fam. Thraupidae)' [EAA: 210]: embora a lista-padrão de aves do Brasil do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2021) inclua *saira-beija-flor* como designando, inequivocamente, a espécie *Cyanerpes cyaneus*, tal denominação bem poderia vir a ser substituída por uma denominação erudita do tipo de *sai(ra)-beija-flor-azul-de-pernas-vermelhas*** (= *sai(ra)-beija-flor s.s.*) (< ingl. *red-legged honeycreeper*), no quadro da compilação e cunhagem sistematizadora de um elenco de denominações vernáculas da

Por conseguinte, o tradutor ou redator – idealmente, bom conhecedor da diversidade zoológica –, aquando da cunhagem de uma denominação vernácula (ou híbrida paracientífico-vernácula) mediante decalque, deverá ter em vista, para evitar indevidas faltas de especificidade e colisões zoonímicas, não apenas o grupo zoológico em cada caso denotado, mas também o grupo amplo que inclui aquele, com os respetivos grupos subordinados, alguns dos quais coordenados com aquele. Exemplos ilustrativos a esse respeito são os dois seguintes. Na tabela 3, constante no fim deste estudo, compilam-se as denominações vernáculas eruditas disponibilizadas em inglês, alemão e português para designar as 20–21 espécies de tatus (que compreendem duas famílias da ordem Cingulata dos Xenartros). No caso do português, dado que as denominações populares (brasileiras) disponíveis para designar os grupos de tatus se revelam insuficientes e, nalguns casos, disfuncionais (v. notas 2–9 da tabela 3), é preciso recorrer a denominações vernáculas eruditas, as quais, porém, são deficitárias na bibliografia, pelo que o autor do presente estudo procedeu a cunhar aqui por decalque do inglês e/ou do alemão algumas delas (as seguidas na tabela por dois asteriscos). Do estudo desta tabela, e dos casos de inadequação que mais abaixo se consignam, deduz-se que a cunhagem da denominação de cada espécie de tatu, para se revelar plenamente funcional, deve ser feita tendo em conta a designação das outras espécies e grupos de espécies de tatus. Assim, por exemplo, na bibliografia (v. *Wikipedia-pt: s.v. “Tatu-de-rabo-mole-pequeno”* [10.11.2021]) surge a denominação vernácula portuguesa *tatu-de-rabo-mole-pequeno* para designar a espécie *Cabassous unicinctus*, mas ela é disfuncional, porque há uma espécie de tatu-de-rabo-mole, o tatu-de-rabo-mole-do-Chaco (*Cabassous chacoensis*), que é mais pequeno do que o *Cabassous unicinctus*, o qual, então, aqui resolvemos

família Thraupidae, no qual as denominações eruditas tenderiam a corresponder, na medida do possível, aos géneros (ou grupos de géneros) da taxonomia. Nesta linha, as outras três espécies de sai(ra)s do gén. *Cyanerpes* (= port. *sai(ra)s-beija-flor(s.l.)* = ingl. *honey-creepers*) poderiam receber nomes como *sai(ra)-beija-flor-azul-de-pernas-amarelas*** (*C. caeruleus*), *sai(ra)-beija-flor-brilhante*** (*C. lucidus*) e *sai(ra)-beija-flor-de-bico-curto*** (*C. nitidus*).

designar, mediante decalque das correspondentes denominações inglesa e alemã, *tatu-de-rabo-mole-meridional*** (v. tabela 3).

Um outro exemplo que vinca a conveniência de o tradutor/redator efetuar os decalques zoonímicos com visão ampla e critério sistematizador é o seguinte. Para denotar o ofídio australiano venenoso da espécie *Pseudechis australis* (fam. Elapidae), o inglês utiliza as denominações *mulga snake* e *king brown snake*. Esta última denominação é peculiar, porquanto a cobra *Pseudechis australis* se enquadra entre as chamadas (*Australian*) *black snakes*, enquanto que as chamadas (*Australian*) *brown snakes* correspondem ao género *Pseudonaja*. Na *EAR*, p. 77, a tradutora optou por decalcar em português *king brown snake* como **cobra-rei-castanha* e, com idêntico critério, teria podido também produzir a solução **cobra-castanha-real*, sendo as duas, claramente, disfuncionais. As razões dessa disfuncionalidade, que surge por a tradutora da *EAR* não ter tomado em consideração, aquando do decalque, a designação de outras serpentes (e elapídeos australianos!), são as duas seguintes: **a)** a denominação **cobra-rei-castanha* entra em conflito com o facto de os colubrídeos americanos não peçonhentos do género *Lampropeltis* (ingl. *king snake*, al. *Königsnatter*) deverem ser designados em português, propriamente, como *cobras-rei*, ou *cobras-reais* (não confundir com a *cobra-capelo-real*, elapídeo asiático muito venenoso!); **b)** a denominação **cobra-castanha-real* teria entrado em conflito com a circunstância de os elapídeos do género *Pseudonaja* (ingl. *brown snake*, al. *Braunschlange*) deverem ser designados em português, propriamente, como *cobras-castanhas(-australianas)*. Perante todas estas circunstâncias, soluções portuguesas funcionais para denotar a *Pseudechis australis* poderiam ser, mediante um conveniente «decalque parcial», de critério sistematizador, *cobra-preta-(australiana)-real*** ou *cobra-preta-(australiana)-da-mulga***.

Nesta linha, a seguir estudamos os problemas zoonímicos e as subsequentes inadequações tradutivas que se prendem com a disponibilização mediante decalque de denominações vernáculas (ou híbridas paracientífico-vernáculas), subordinando-os a quatro categorias: problemas e inadequações

no decalque zoonímico associados à seleção da denominação original a decalcar (subsecção 1.2.2.3.1), problemas e inadequações no decalque zoonímico associados à necessidade de abrangência e sistematicidade (subsecção 1.2.2.3.2), problemas e inadequações no decalque zoonímico associados à constituição das unidades decalcadas (subsecção 1.2.2.3.3) e, finalmente, outras inadequações no decalque zoonímico (subsecção 1.2.2.3.4).

1.2.2.3.1. Problemas e inadequações no decalque zoonímico associados à seleção da denominação original a decalcar

Como vimos, embora seja interessante tomar em consideração as soluções de mais de duas línguas, na prática, as denominações vernáculas de grupos zoológicos do inglês e do alemão, pelo seu grande número e rigor, revelam-se suficientes (e necessárias) para efetuar em português decalques zoonímicos. Na maioria dos casos, essas soluções inglesas e alemãs são semanticamente coincidentes, mas, nalgumas ocasiões, não é assim, e tal circunstância depara um problema (e uma oportunidade) ao tradutor ou redator em português, pela possibilidade e necessidade que, então, ele tem de escolher. Nalguns casos, a escolha entre a solução de uma língua e a da outra será indiferente, e poderá revelar-se conveniente introduzir decalques das soluções das duas línguas, como sinónimos (ex.: para denotar o suídeo africano *Potamochoerus porcus*, o inglês propõe *red river hog*, e o alemão, *Pinselohrschwein* e *Flussschwein*, que, em português, podem motivar as soluções sinónimas *potamoquero-(fluvial-)vermelho*** e *potamoquero-de-orelhas-tufadas***)¹⁴; mas há ocasiões em que poderá dizer-se que uma das soluções é superior à outra (mais expressiva, mais breve). Por exemplo, para denotar o pássaro australiano da espécie *Malurus coronatus* (fam. Maluridae), o inglês dispõe do nome vernáculo *purple-crowned fairywren*, que dá em português, mediante decalque, a solução *carriça-australasiática-*

14 V. tb. nomes vernáculos eruditos portugueses cunhados na Tabela 3 para *Chaetophractus vellerosus* e *C. villosus*.

*de-coroa-violeta****, a qual se revela mais precisa e descritiva do que um eventual decalque da denominação alemã, *Purpurkopf-Staffelschwanz*, que daria (*)*carriça-australasiática-de-cabeça-violeta*, solução subótima porque estes pássaros só apresentam de cor violeta a coroa, e não toda a cabeça; por seu turno, para designar os roedores africanos da subfamília *Cricetomyinae* da família *Nesomyidae*, o inglês propõe a denominação vernácula (*African*) *pouched rat*, enquanto o alemão, *Hamsterratte*, e o decalque em português (de Portugal) desta última solução parece mais conveniente do que o decalque da primeira, porque *ratazana-hámster*** é mais breve do que *ratazana-de-bochechas*** (nesta linha, obteremos as seguintes equivalências: ingl. *Emin's pouched rat* ‘ratazana-hámster da sp. *Cricetomys emini*’ = port. *ratazana-hámster-de-Emin***, melhor do que *ratazana-de-bochechas-de-Emin***); ingl. *Gambian pouched rat* ‘ratazana-hámster da sp. *Cricetomys gambianus*’ = port. *ratazana-hámster-da-Gâmbia***, melhor do que *ratazana-de-bochechas-da-Gâmbia***). Assim sendo, nas nossas amostras de tradução detetamos o seguinte caso desta categoria de inadequação zoonímica no decalque:

cobra-coral-do-leste* ‘ofídio elapídeo da sp. *Micrurus fulvius*’ [EAR: 76] (< ingl. *eastern coral snake* [=al. *Harlekin-Korallenotter*]), por *cobra-coral-arlequim**: a denominação aqui decalcada em português, a inglesa, reflete uma perspectiva estado-unidense, inadequada para o público lusófono, pelo que o correto teria sido decalcar a solução alemã.

Um problema conexo com o anterior é constituído pela seleção entre sinónimos da língua de partida para efetuar o decalque. É claro que, havendo dois ou mais sinónimos em inglês ou em alemão para denotar um dado grupo zoológico, para o decalque em português deve selecionar-se o sinónimo ou sinónimos mais expressivos, o que, nas nossas obras de referência, parece que nem sempre foi feito:

rato-da-lua** ‘mamífero da subfam. Hylomyinae (= Galericinae = Echinisoricinae) da fam. Erinaceidae’ [GEA: 102–103; EAM: 58] (< ingl. *moonrat*, *gymnure*, *hair hedgehog* [= al. *Haarigel*, *Rattenigel*]), por **ouriço-de-pelo* (diferente de *ouriço-cacheiro*, ou «de espinhos») ou **ouriço-ratazana**** (< al. *Rattenigel*) ou **gimnuro**: a tradutora escolheu aqui, como fonte do decalque português, o inglês *moonrat*, mas, dado que não se trata de um roedor, e dado que o componente *da-lua* pouco diz em português (em inglês, *moonrat* é, por antonomásia, *Echinosorex gymnura*, que tem pelagem branca ou negrusca com porções brancas, e daí o formante *moon*), melhor teria sido que tivesse escolhido como fonte do decalque o sinónimo inglês *hair hedgehog* (= al. *Haarigel* > port. *ouriço-de-pelo***), a solução alemã *Rattenigel* (> port. *ouriço-ratazana***), ou que tivesse optado pela denominação paracientífica *gimnuro*, paralela ao ingl. *gymnure*.

1.2.2.3.2. Problemas e inadequações no decalque zoonímico associados à necessidade de abrangência e sistematicidade

Já explicamos nos parágrafos introdutórios da secção 1.2.2.3 a conveniência de o tradutor/redator efetuar os decalques em português de denominações vernáculas (inglesas e alemãs) com perspetiva ampla e critério sistematizador, conveniência que exemplificamos a propósito do tatu da espécie *Cabassous unicinctus* e da cobra australiana *Pseudechis australis*. Vejamos, em seguida, mais alguns casos respigados das nossas traduções de referência, que, nessa linha, testemunham como um decalque que apenas tem em conta a designação de uma dada espécie, sem tomar em consideração a de outras espécies do correspondente grupo superordenado, pode produzir soluções portuguesas disfuncionais, equívocas ou carentes da necessária especificidade (v. tb. *supra* a entrada dedicada à denominação (*cobra*)-gwardar):

cobra-de-água-anelada** ‘ofídio elapídeo da sp. *Naja annulata* (= *Boulengerina annulata*)’ [EAR: 75] (< ingl. *banded water cobra*, *ringed water cobra*), por **cobra-capelo-aquática-anelada* ou **naja-aquática-**

anelada**: componente genérico enganador, que falsamente dá a entender que este elapídeo, venenoso, estaria proximamente relacionado, p. ex., com as cobras-de-água europeias, colubrídeos não venenosos do gén. *Natrix* (*cobra-de-água-de-colar*, *cobra-de-água-viperina*, etc.).

***cobra-real** ‘ofídio elapídeo *Ophiophagus hannah*’ [EAR: 75; em GEA: 393 surge **naja-real*, mas esta denominação não é satisfatória, dado que a espécie não pertence ao gén. *Naja*] (< ingl. *king cobra* [= al. *Königskobra* = esp. *cobra real*]), por **cobra-capelo-real**: confusão da **cobra-capelo-real**, elapídeo asiático muito peçonhento, com a **cobra-rei** [GEA: 388; EAR: 69] ou **cobra-real** [GEA: 388] (< ingl. *king snake* [= al. *Königsnatter*]), denominações que designam os colubrídeos americanos do género *Lampropeltis*, serpentes constritoras não venenosas, de cores chamativas.

tatu-bola** ‘tatu da sp. *Tolypeutes matacus*’ [EAM: 55] (< ingl. *southern three-banded armadillo*), por **tatu-bola-meridional*: há duas espécies diferentes de tatus-bola ou tatus-de-três-faixas (gén. *Tolypeutes*: v. tabela 3).

tatu-de-rabo-mole** ‘tatu da sp. *Cabassous unicinctus*’ [EAM: 54] (< ingl. *southern naked-tailed armadillo*), por **tatu-de-rabo-mole-meridional*: há quatro espécies diferentes de tatus-de-rabo-mole (gén. *Cabassous*: v. tabela 3).

tatu-de-três-faixas** ‘tatu da sp. *Tolypeutes matacus*’ [EAM: 55] (< ingl. *southern three-banded armadillo*), por **tatu-de-três-faixas-meridional*: há duas espécies diferentes de tatus-de-três-faixas ou tatus-bola (gén. *Tolypeutes*: v. tabela 3).

tatu-peludo** ‘tatu da sp. *Chaetophractus villosus*’ [GEA: 139; EAM: 54] (< ingl. *larger hairy armadillo*), por **tatu-peludo-grande*: há três espécies diferentes de tatus-peludos (gén. *Chaetophractus*: v. Tabela 3).

***vombate-de-nariz-peludo** ‘vombate da sp. *Lasiiorhinus latifrons*’ [GEA: 95] (< ingl. *southern hairy-nosed wombat* [= al. *Südlicher Haarnasenwombat*]), por **vombate-de-nariz-peludo-do-sul**: há duas espécies de vombates-de-nariz-peludo (v. tabela 2); já corretamente designado, como **vombate-de-focinho-peludo-do-sul**, na EAM (p. 49).

1.2.2.3.3. *Problemas e inadequações no decalque zoonímico associados à constituição das unidades decalcadas*

Trata-se, neste caso, de problemas de tradução propriamente ditos que surgem no decalque das denominações vernáculas (ou híbridas paracientífico-vernáculas) de grupo zoológico. Tomando em consideração as denominações vernáculas alemãs e, sobretudo, as inglesas, pode ver-se que tais problemas se prendem com as relações tradutivas 1:2 e com o carácter sintético que muitas delas apresentam, bem como com o desfasamento geográfico que, em relação aos países de expressão portuguesa, nelas fica refletido¹⁵.

Por conseguinte, aquando da realização de um decalque zoonímico, o tradutor ou redator deverá atentar especialmente naqueles componentes verbais da denominação vernácula original que suscitarem uma relação tradutiva do tipo 1:2 (por polissemia [ex.: ingl. *wood* > port. *madeira/floresta*] ou por inclusão conceptual [ex.: ingl. *bird* > port. *ave/pássaro*]), para determinar,

15 Falamos aqui de *problemas de tradução* associados ao decalque, no sentido de dificuldades objetivas postas a qualquer tradutor, em todas as circunstâncias, com independência da competência de cada tradutor e das suas condições de trabalho (NORD, 1995, p. 173–174). No entanto, é claro que as *dificuldades de tradução* em geral são muito variáveis em função da competência e das circunstâncias de trabalho de cada tradutor, e algumas inadequações registadas nos decalques zoonímicos derivam, simplesmente, do desleixo ou da imperícia na tradução, como testemunham os dois casos seguintes. 1.- Na edição catalã da *Wikipédia*, até ao ano 2014, o artigo dedicado aos pássaros-jardineiros ou pássaros-das-pérgulas (*Ptilonorhynchidae*) surgia sob o lema «Arquer (ocell)», e aí esses pássaros eram designados por *arquers*, i. é, *arqueiros*, sem dúvida através de uma interpretação errada do vocábulo inglês *bower* em *bowerbird*, o qual, apesar da sua semelhança com *bow* 'arco', não significa 'arqueiro' (ingl. *archer* [tb. *bowman*]), mas sim 'caramanchão, pérgula' (e este erro não só se devia a um deficiente conhecimento do léxico inglês, como também, sobretudo, à desconsideração do comportamento destas aves: no artigo da *Wikipedia-cat*, muito pobre, não se mencionava a circunstância, conspicua e motivadora da denominação destes pássaros, de que os machos da maioria dos jardineiros constroem uma espécie de caramanchões ou pérgulas para atraírem as fêmeas). 2.- Na p. 22 do livro de divulgação *Diário de Oaxaca*, de Oliver Sachs (Relógio d'Água, Lisboa, 2011), verte-se «**whisk ferns** (*Psilotum*)» (*Oaxaca Journal*, 2002, p. 7, Vintage Books, Nova Iorque) por «fetos bigode (*Psilotum*)». Aqui, o decalque **feto-bigode* revela-se erróneo, e o correto teria sido traduzir por *feto-vassoira* ou *feto-espanador*, já que o vocábulo inglês *whisk*, no termo *whisk fern*, não significa 'bigode', mas 'batedor (de ovos, nata...)' ou 'pequeno espanador' ou 'pequena vassoira rústica' (confusão da tradutora com *whisker(s)* 'bigode do gato; suíças').

mediante as consultas pertinentes, o significado que em cada caso deva ser atualizado¹⁶. Assim, por exemplo, o hemíptero da espécie *Stictocephala bisonia* (fam. Membracidae) conhece-se em inglês pelo nome vernáculo *buffalo cicada*, e tal denominação deverá ser decalcada em português como *cigarrinha-bisonte*, e não como **cigarrinha-búfalo*, porque se trata de uma espécie norte-americana e, então, nesse termo, *buffalo* significa ‘bisonte’.

Por outro lado, o caráter sintético de muitos compostos ingleses e alemães, que não apresentam preposições a ligar os seus componentes, pode dificultar o seu decalque, pela necessidade de se determinarem as relações semânticas entre os componentes para constituir os termos analíticos e preposicionais típicos do português. Assim, por exemplo, perante a denominação vernácula inglesa *turtle barnacle*, que designa as cracas da família Chelonibiidae, suscita-se a questão de se o equivalente funcional português poderá ser *craca-das-tartarugas* (pelo local onde o animal vive) ou *craca-tartaruga* (pela forma do animal): só a documentação permitirá concluir que o decalque correto é o primeiro, pois essas cracas vivem aderidas a tartarugas. No entanto, em sentido contrário se resolve o caso de *turtle crab*, que denota em inglês os caranguejos da espécie *Cryptolithodes sitchensis*: o decalque correto em português é *caranguejo-tartaruga*, e não **caranguejo-das-tartarugas*, porque, como permite descobrir a documentação, o caranguejo se parece com uma tartaruga.

16 Caso diferente é a seleção de sinónimo na língua de chegada do decalque. É claro que, idealmente, deve manter-se constante tal escolha, mas isso nem sempre foi feito nas nossas traduções de referência: *cobra-real* [GEA: 388] / *cobra-rei* [GEA: 388; EAR: 69] ‘colubrídeo do gén. *Lampropeltis*’ (< ingl. *king snake* [= al. *Königsnatter*]); *vombate-de-nariz-peludo* [GEA: 95] / *vombate-de-focinho-peludo* [EAM: 49] ‘vombate do gén. *Lasiorhinus*’ (< ingl. *hairy-nosed wombat* [= al. *Haarnasenwombat*]). Neste aspeto, um caso especialmente interessante é a designação dos insetos odonatos. Estes, no seu conjunto, são chamados *libélulas* na GEA (p. 551) (< ingl. *dragonfly s.l.*), mas ficam sem denominação na EAR. Já para as duas subordens de odonatos, as denominações propostas variam conforme a obra: *donzelinha* [GEA: 551] / *libelinha* [EAR: 166] ‘odonato da subordem Zygoptera’ (< ingl. *damsel fly*), *libelinha* [GEA: 551] / *libélula* [EAR: 166] ‘odonato da subordem Anisoptera’ (< ingl. *dragonfly s.s., true dragonfly*).

Na mesma linha, algumas denominações vernáculas inglesas e alemãs revelam-se problemáticas no decalque em português devido à invariância morfológica do seu componente modificativo. Assim, por exemplo, o caranguejo da espécie *Neopetrolisthes maculatus* recebe o nome vernáculo *dotted anemone crab* em inglês, e *Punktstupfen-Anemonenkrabbe* em alemão, e, a partir unicamente dessas denominações, não é possível saber-se se se trata de um caranguejo-das-anémonas-com-ponto (dotado de um ponto) ou de um caranguejo-das-anémonas-pontilhado (dotado de muitos pontos). Após a consulta na *Wikipédia* do pertinente artigo, com foto do animal, o tradutor/redator chega à conclusão de que a interpretação correta é a de *pontilhado* e, portanto, que o decalque certo é *caranguejo-das-anémonas-pontilhado*. Infelizmente, nas nossas obras de referência, nem sempre a tradutora lidou airosoamente com estes desafios postos ao decalque em português pela ambiguidade estrutural das denominações vernáculas inglesas:

***formiga-da-amazónia** ‘formiga da sp. *Polyergus rufescens*’ [EAR: 190] (< ingl. (*European*) *Amazon ant*), por **formiga-amazona**: a formiga *Polyergus rufescens*, oriunda da Europa e da Ásia, e não da América do Sul, é denominada em ingl. (*European*) *Amazon ant* devido a que, qual guerreira amazona, submete à escravidão os indivíduos de outras espécies de formigas.

***formiga-da-madeira** ‘formiga da sp. *Formica rufa*’ [EAR: 190] (< ingl. (*red*) *wood ant*), por **formiga-florestal(-vermelha-grande)**: a relação tradutiva 1:2 constituída por ingl. *wood* > port. *madeira/floresta* deveria ter-se resolvido aqui em favor de *floresta*.

louva-a-deus-das-flores** ‘inseto mantódeo da sp. *Idolomantis diabolica* (= *Idolum diabolicum*)’ [GEA: 555] (< ingl. (*giant*) *devil’s flower mantis*), por **louva-a-Deus-flor-diabólico* ou **mântis-flor-diabólica****: a disjuntiva induzida pela ambiguidade estrutural do ingl. *flower mantis* entre *louva-a-Deus-das-flores* e *louva-a-Deus-flor* deve resolver-se, em contraste

com a decisão da tradutora, em favor de *louva-a-Deus-flor(-diabólico)*, porque o nome não se refere a que o animal viva nas flores, mas a que a sua forma imita uma flor (cf. al. (*Große*) *Teufelsblume*: literalmente, «flor-diabólica(-grande)»).

pássaro-azeiteiro** ‘ave da sp. *Steatornis caripensis*’ [GEA: 321] (< ingl. *oilbird*), por **ave-oleosa*: a relação tradutiva 1:2 associada à equivalência em português do vocábulo inglês *bird*, o qual pode traduzir-se, segundo os casos, por *ave* ou por *pássaro*, deve resolver-se aqui, em contraste com a decisão da tradutora, em favor de *ave*, já que esta espécie não pertence à ordem Passeriformes.

pássaro-do-petróleo** ‘ave da sp. *Steatornis caripensis*’ [EAA: 130] (< ingl. *oilbird*), por **ave-oleosa*: o modificador *oil* da denominação inglesa não significa aqui ‘petróleo’, mas ‘óleo’, o óleo que antigamente era extraído dos pintos desta ave (acerca do componente **pássaro*, v. *supra*).

Uma outra categoria de problemas de tradução associados ao decalque zoonímico deriva, por um lado, do desfasamento espacial eventualmente registado entre a comunidade sociocultural de partida e a de chegada e, por outro, da vigência de protótipos animais diferentes nas duas comunidades socioculturais. Assim, formantes das denominações vernáculas inglesas como *western*, *eastern*, *southern* e *northern* apresentarão, nalguns casos, um valor relativo, referido ao quadro geográfico em cada caso (país anglófono) focalizado, de modo que tais componentes, nesses casos, não poderão ser decalcados sem adaptação nas denominações portuguesas (por exemplo, como equivalente português de ingl. *western scrubjay* ‘corvídeo da sp. *Aphelocoma californica*’, revela-se mais adequado **gaio-do-mato-californiano**** do que ***gaio-do-mato-ocidental**, porque o componente *western* da denominação inglesa, norte-americana, original se refere ao oeste dos EUA, e do ponto de vista lusófono, tal localizador é pouco informativo). Além disso, um formante como, por exemplo, *common* poderá remeter também para um âmbito geográfico e sociocultural concreto, em que o animal em causa se

revele como prototípico do grupo, mas tal condição poderá não se verificar nos países lusófonos, pelo que o decalque em português terá de introduzir alguma adaptação. Nas nossas obras de referência, detetamos neste capítulo algumas inadequações:

cobra-coral-do-leste** ‘elapídeo da sp. *Micrurus fulvius*’ [EAR: 76] (< ingl. *eastern coral snake* [= al. *Harlekin-Korallenotter*]), por **cobra-coral-arlequim**: indevida perspectiva estado-unidense na denominação portuguesa.

opossum-comum** ‘marsupial didelfídeo da sp. *Didelphis virginiana* (= *D. marsupialis*)’ [EAM: 41] (< ingl. *common opossum*), por **gambá-da-Virgínia** ou **gambá-norte-americano**: indevida perspectiva estado-unidense na denominação portuguesa (as espécies de gambás que vivem no Brasil são outras).

1.2.2.3.4. Outras inadequações no decalque zoonímico

Sob esta epígrafe heterogénea incluímos, enfim, categorias adicionais de inadequação que detetamos nos decalques zoonímicos efetuados nas nossas obras de referência.

a) Uso de denominação vernácula numa forma defeituosa:

pichiciago** ‘tatu da sp. *Zaedyus pichiy*’ [GEA: 140] (< ingl. *pichi, dwarf armadillo* [= al. *Pichi, Zwerggürteltier*]), por **píchi**(ou **tatu-anão**** ou **tatu-pigmeu****): os **pichiciegos** são tatus dos géneros *Calyptrophractus* ou *Chlamyphorus* (v. Tabela3).

***rato-toupeiro** ‘roedor arvicolíneo (fam. Cricetídeos) dos gén. *Ellobius* e *Prometheomys*’ [GEA: 159; EAM: 199] (< ingl. *mole vole*), por **rato-toupeira**: na bibliografia portuguesa (mas não na brasileira!) vê-se com frequência (ex.: AF, GEA, EAM, *Guia Fapas dos Mamíferos*) a forma irregular ***rato-toupeiro**, que deve julgar-se errada, ou relegável, frente à regular **rato-**

toupeira. De facto, a forma incoerente **rato-toupeiro* foi provavelmente cunhada pela primeira vez, através de indevido decalque formal a partir do cast. *ratón topo*, na obra de 1971 AF (vol. XI, p. 239 *et passim*), versão portuguesa de um original espanhol. Além disso, as obras que utilizam a forma irregular **rato-toupeiro*, ao mesmo tempo usam, de forma genuína, *grilo-toupeira* (ex.: GEA, p. 552) e *musaranho-toupeira* (ex.: GEA, p. 107).

b) Ordem inadequada dos formantes do decalque:

**musaranho-toupeira* ‘toupeira da tribo Desmanini (da subfam. Talpinae, fam. Talpidae, ordem Eulypotyphla [parte do antigo táxon Insectivora])’ [GEA: 107] (< ingl. *desman* [= al. *Desman* = esp. *desmán*]), por *toupeira-aquática* ou *toupeira-de-água*: não se trata de um musaranho, mas de uma toupeira. (A solução correta *toupeira-de-água* já é usada em EAM: 60).

c) Componente genérico do decalque com seleção inadequada ou insuficiente de formantes:

(*) *cobra-da-morte* ‘ofídio elapídeo do gén. *Acanthophis*’ [EAR: 76] (< ingl. *death adder* [= al. *Todesotter*]), por *víbora-da-morte* ou *áspide-da-morte*** : o formante *cobra* é demasiado abrangente; esta espécie, sem ser viperídeo, parece-se com uma víbora (= ingl. *adder* = al. *Otter*).

cobra-de-água-anelada* ‘ofídio elapídeo da sp. *Naja annulata* (= *Boulengerina annulata*)’ [EAR: 75] (< ingl. *banded water cobra*, *ringed water cobra*), por *cobra-capelo-aquática-anelada* ou *naja-aquática-anelada*** : o componente genérico *cobra* revela-se insuficiente.

cobra-de-listra-preta* ‘ofídio elapídeo da sp. *Neelaps calonotus* (= *Simoselaps calonotus*)’ [EAR: 76] (< ingl. *black-striped (burrowing) snake*), por *cobra-coral-australiana-de-listra-preta* : o componente genérico *cobra* revela-se insuficiente.

(*) **cobra-do-mar-de-lábios-azuis** ‘ofídio elapídeo da sp. *Laticauda laticauda*’ [EAR: 77] (< ingl. *blue-lipped sea krait*), por **búngaro-marinho-de-lábios-azuis**** ou **krait-marinha-de-lábios-azuis****: o componente genérico da denominação vernácula portuguesa proposta é demasiado abrangente, impreciso.

(*) **rato-de-bochechas** ‘roedor da subfam. Cricetomyinae da fam. Nesomyidae’ [GEA: 154] (< ingl. (*African*) *pouched rat* [= al. *Hamsterratte* = esp. *rata de abazones*]), por **ratazana-hámster**** ou **ratazana-de-bochechas****: por causa do tamanho do animal e por harmonia com ingl., al. e esp., melhor *ratazana*.

tatu-pequeno** ‘tatu da sp. *Chlamyphorus truncatus*’ [EAM: 55] (< ingl. *lesser fairy armadillo* [= al. *Kleiner Gürtelmull*]), por **pichiciego-menor* ou **pichiciego-pequeno**** ou **pichiciego-da-Pampa****: a denominação **tatu-pequeno* não é precisa ou inequívoca, já que há alguma outra espécie de tatu que apresenta pequeno tamanho, como *Zaedyus pichiy*, o **tatu-anão**** ou **tatu-pigmeu**** (v. Tabela 3).

d) Componente especificador, modificativo, do decalque com indevida falta de elementos (o que frequentemente determina que a denominação portuguesa não apresente suficiente especificidade):

barata-de-madagáscar** ‘blatódeo da sp. *Gromphadorhina portentosa*’ [EAR: 168] (< ingl. *Madagascan hissing cockroach*), por **barata-assobiadora-de-Madagáscar*: o elemento *assobiadora* é fundamental, pois as *baratas-assobiadoras* são as da tribo *Gromphadorhinini* da fam. *Blaberidae*.

caranguejo-fantasma** ‘crustáceo decápode da sp. *Ocypode ceratophthalmus*’ [EAR: 163] (< ingl. *horn-eyed ghost crab*, *Indo-Pacific ghost crab*), por **caranguejo-fantasma-de-chifres* (ou **caranguejo-fantasma-indo-pacífico****): a correspondência taxonómica de *caranguejo-fantasma* é ‘crustáceo decápode dos gén. *Ocypode* e *Hoplocypode*’.

***escaravelho-rinoceronte** ‘coleóptero da sp. *Oxysternon conspicillatum*’

[EAR: 177] (< ingl. *rhinoceros dung beetle*), por **escaravelho-do-estercorino**^{**}: há outras espécies de coleópteros designadas por *escaravelhos-rinoceronte* (como o *escaravelho-rinoceronte-europeu* [*Oryctes nasicornis*]).

***krait** ‘ofídio elapídeo marinho do gén. *Laticauda*’ [GEA: 392] (< ingl. *sea krait* [= al. *Plattschwanz(-Seeschlange)*]), por **krait-marinha**^{**}, **búngaro-marinho**^{**} ou **cobra-marinha-de-cauda-chata**^{**}: os *kraits* ou *búngaros* são ofídios terrestres, do género *Bungarus*.

***lagostim** ‘crustáceo decápode da sp. *Orconectes limosus*’ [EAR: 163] (< ingl. *spinycheek crayfish*), por **lagostim-do-rio-de-faces-espinhosas**^{**}: a correspondência taxonómica de *lagostim* [Pt] é ‘crustáceo decápode do gén. *Nephrops* (e *Metanephrops*)’.

***libélula-azul** ‘odonato anisóptero da sp. *Pachydiplax longipennis*’ [EAR: 166] (< ingl. *blue dasher*), por **libélula-azul-norte-americana**^{**}.

(*) **rã-venenosa** ‘batráquio da fam. Dendrobatidae’ [GEA: 452] (< ingl. *dart-poison frog, poison (dart) frog* [= al. *Pfeilgiftfrosch, Farbfrosch, Baumsteigerfrosch*]), por **rã-veneno-de-dardo**^{**}: em *rã-venenosa*, o elemento especificador revela-se pouco informativo.

***tatu-do-norte** ‘tatu da sp. *Cabassous centralis*’ [GEA: 140] (< ingl. *northern naked-tailed armadillo*), por **tatu-de-rabo-mole-setentrional**^{**} ou **tatu-de-rabo-mole-centro-americano**^{**}: a denominação *tatu-do-norte* não é precisa ou inequívoca, já que há alguma outra espécie de tatu que apresenta uma distribuição geográfica mais setentrional do que esta (v. Tabela 3).

***texugo** ‘espécies de mefitídeos do gén. *Mydaus*’ [GEA: 200; EAM: 108] (< ingl. *stink badger* [= al. *Stinkdachs* = esp. *tejón mofeta*]), por **texugo-fedorento**^{**}: a base *texugo* designa mustelídeos dos gén. *Arctonyx*, *Meles*, *Mellivora*, *Melogale* e *Taxidea*.

***toirão** ‘mefitídeos dos gén. *Mephitis* ou *Spilogale*’ [GEA: 200] (< ingl. *skunk* [= al. *Skunk* = esp. *mofeta*]), por **doninha-fedorenta**: a base *toirão* designa mustelídeos dos gén. *Mustela* (p. ex., *M. putorius*, o *toirão-comum*) e *Vormela*.

***toupeira-de-água** ‘toupeira-de-água (desmanino) da sp. *Galemys pyrenaicus*’ [EAM: 60] (< ingl. *Pyrenean desman* [= al. *Pyrenäen-Desman* = esp. *desmán de los Pirineos*]), por **toupeira-aquática-ibérica** (ou **(*) toupeira-aquática-dos-Pirenéus**) ou **toupeira-de-água-ibérica** (ou **(*) toupeira-de-água-dos-Pirenéus**): há outra espécie de toupeira-aquática, a toupeira-aquática-russa (*Desmana moschata*).

e) Componente especificador, modificativo, do decalque com indevida presença de elementos:

***coati-de-cauda-anelada-meridional** ‘procionídeo da sp. *Nasua nasua*’ [GEA: 195] (< ingl. *ring-tailed coati*, *South American coati*), por **coati-de-cauda-anelada**, **quati-de-cauda-anelada**, **quati-da-América-do-Sul** ou **quati-de-nariz-castanho**: em contraste com o **quati-de-nariz-branco** ou **quati-da-América-do-Norte** (*Nasua narica*).

f) Componente especificador, modificativo, do decalque com seleção inadequada de elementos:

***ácaro-das-aves** ‘acariforme da sp. *Dermanyssus gallinae*’ [EAR: 155] (< ingl. *poultry red mite* [tb. *fowl mite*]), por **ácaro-de-galinha** ou **carraça-de-galinha**: a denominação **ácaro das aves** não tem significação taxonómica e a sua denotação abrange um conjunto muito diverso de espécies de ácaros.

***grou-americano** ‘grou da sp. *Antigone canadensis* (= *Grus canadensis*)’ [GEA: 299] (< ingl. *Canadian crane*, *sandhill crane* [= al. *Kanadakraanich* = esp. *grulla canadiense*]), por **grou-canadiano** ou **grou-do-Canadá** ou **grou-canadense** (esta última denominação surge, de facto, como falso sinónimo de **grou-americano**, em GEA, p. 299; **grou-canadiano** e **grou-do-Canadá** já em AF, vol. IV, p. 203; vol. VI, p. 66): **grou-americano** é, realmente, sinónimo (menos recomendável) de **grou-assobiador** e de **grou-cantor** e corresponde à espécie *Grus americana* (v. *supra*).

ratazana-asiática** ‘roedor murídeo da sp. *Bandicota indica*’ [EAM: 201] (< ingl. *greater bandicoot rat*), por **ratazana-bandicute-maior* : *ratazana-asiática* é denominação pouco específica, já que há muitas espécies diferentes de ratazanas habitantes do continente asiático; além disso, na denominação vernácula portuguesa proposta falta um componente especificador.

ratazana-asiática-de-cauda-curta** ‘roedor murídeo da sp. *Nesokia indica*’ [EAM: 201] (< ingl. *short-tailed bandicoot rat*), por **ratazana-bandicute-de-cauda-curta(-comum)* : v. entrada anterior.

tarântula-mexicana-de-dorso-vermelho** ‘aracnídeo terafosídeo da sp. *Tliltocatl vagans* (= *Brachypelma vagans*)’ [GEA: 593] (< ingl. *Mexican red rump tarantula*), por **tarântula-mexicana-de-traseiro-vermelho* (= Br. (*aranha*-) *caranguejeira-mexicana-de-traseiro-vermelho***): esta tarântula só tem de cor vermelha o opistossoma («traseiro»), e não todo o dorso.

(*) **toupeira-de-água dos Pirinéus** [*sic*] ‘toupeira-de-água (desmanino) da sp. *Galemys pyrenaicus*’ [GEA: 107] (< ingl. *Pyrenean desman* [= al. *Pyrenäen-Desman* = esp. *desmán de los Pirineos*]), por **toupeira-aquática-ibérica** ou **toupeira-de-água-ibérica**: além de nos Pirenéus, esta espécie habita no norte da Península Ibérica, inclusive Portugal.

víbora-mortal** ‘ofídio elapídeo do gén. *Acanthophis*’ [GEA: 391; EAR: 76] (< ingl. *death adder* [= al. *Todesotter*]), por **víbora-da-morte** ou **áspide-da-morte* : o modificador sintagmático *da morte* é mais expressivo do que o adjetivo *mortal* (cf. ingl. *death*, al. *Tod*), o qual mesmo poderia ser confundido, na expressão oral, com um modificador alheio à denominação vernácula do animal.

Conclusões

Tomando como referência a tradução a partir do inglês de duas enciclopédias divulgadoras sobre fauna publicadas em Portugal no primeiro decénio do século XXI, nomeadamente a *Grande Enciclopédia Animal*, de BURNIE *et al.* (2002), e a *Enciclopédia dos Animais: Um Guia Visual*

Completo (AA.VV., 2007), o presente estudo analisa os problemas e as inadequações associados, no quadro da tradução (e redação) de textos científicos didáticos e divulgadores, à designação em português, mediante denominações paracientíficas e denominações vernáculas eruditas, de grupos (famílias, géneros, espécies) de animais, sobretudo dos exóticos, pré-históricos, inconspícuos ou indistintos, naturalmente destituídos de denominações populares. A versão portuguesa de ambas as enciclopédias, muito valiosas dos pontos de vista documental e terminológico, veio a lume apenas com um ou dois anos de demora a respeito da publicação das obras originais e foi realizada pela mesma tradutora, com assessoramento do mesmo revisor científico.

Os problemas de maior abrangência envolvidos na designação em português de grupos zoológicos de baixa categoria taxonómica – os quais são fonte de diversos problemas zoonímicos subordinados e de inúmeras inadequações zoonímicas e tradutivas (potenciais e, de facto, atualizadas nas duas obras portuguesas em foco) – são a existência de *profusão denominativa* para um dado grupo e a existência de *défice denominativo* para um dado grupo. De longe, o problema zoonímico mais complexo, e que a mais inadequações tradutivas dá origem, é o *défice denominativo*, situação que pode requerer do tradutor/redator a cunhagem de um neologismo, uma vez que aquele se certifica da real inexistência em português de qualquer elemento zoonímico satisfatório, quer se trate de denominações paracientíficas ou vernáculas eruditas previamente instauradas, quer, em particular, de denominações vernáculas populares disponíveis nalguma variedade nacional de português diferente da própria e convenientemente incorporáveis à própria variedade nacional da língua. Tal cunhagem de neologismo zoonímico poderá ser efetuada mediante a disponibilização de uma denominação paracientífica identificadora ou mediante a disponibilização de uma denominação vernácula erudita, ora adotando um empréstimo, ora, sobretudo, recorrendo a um decalque, expediente, este último, especialmente problemático, e que o autor do presente estudo põe em prática, para fins ilustrativos, com o grupo dos tatus, entre outros muitos exemplos.

As duas condições fundamentais que um decalque zoonímico em português deve cumprir para poder contar com garantias de correção e funcionalidade são, por um lado, que ele seja efetuado com perspectiva ampla e critério sistematizador, ou seja, tendo em conta, não apenas o grupo a denotar, mas também o grupo superordenado que o inclui, e, por outro, a riqueza e o rigor da fonte do decalque, a qual, na prática, sempre deverá incluir, ao menos (de forma necessária e suficiente), as correspondentes denominações em inglês e em alemão, as duas línguas (europeias) que dispõem dos elencos zoonímicos mais extensos e rigorosos. Por outro lado, a realização de decalques zoonímicos em português (a partir do inglês e do alemão) deve fazer face, entre outros, a problemas relacionados com a seleção da denominação original a decalcar, com a necessidade de abrangência e sistematicidade e com a constituição das unidades decalcadas (relações tradutivas 1:2, conversão de uma estrutura sintética noutra analítica e desfasamentos geográficos).

O presente estudo patenteia que as duas traduções portuguesas em apreço enfermam de numerosas inadequações zoonímicas, resultantes dos mais diversos problemas associados à disponibilização na nossa língua de denominações paracientíficas e vernáculas de grupos de organismos, particularmente dos exóticos, inconspícuos ou indistintos. É verdade que, entre a primeira tradução, a da *GEA* (2002), e a segunda, a da *EA(A/M/R)* (2007), se regista uma notável melhoria, apreciável, sobretudo, na incorporação de denominações populares brasileiras e na expurgação de lapsos na constituição de bastantes denominações paracientíficas e vernáculas eruditas, mas, mesmo assim, parece claro que nenhuma das duas traduções fica perto de um bom padrão de qualidade zoonímica. Uma preparação teórica preliminar da tradutora na problemática zoonímica e uma intervenção mais empenhada do revisor científico talvez tivessem bastado para elevar de forma considerável a qualidade terminológica destas traduções. Na realidade, porém, pouca censura merece da nossa parte o trabalho da tradutora e do revisor destas obras (e um pouco mais o proceder das correspondentes editoras), uma vez que aquela, provavelmente, não contasse com conhecimentos prévios

de zoologia sistemática, e que eles dois, a julgarmos pela escassa demora com que as versões portuguesas apareceram a respeito dos originais, de bem pequena margem temporal terão disposto para levar a cabo umas traduções enormemente extensas e extremamente exigentes do ponto de vista terminológico. De resto, como já assinalamos, não se pode esperar de uma tradutora e de um revisor, por muito competentes e diligentes que forem, que venham a substituir de forma plenamente satisfatória o labor zoonímico que, noutras comunidades linguísticas de maior tradição científica, têm desenvolvido, ao longo de decénios, diversas agremiações de especialistas e zoólogos profissionais.

Bibliografia

- Bruce, Jenni e Karen McGhee. **The Encyclopedia of Mammals: A Complete Visual Guide**. Sydney: Fog City Press/Weldon Owen, 2005.
- Bruce, Jenni e Karen McGhee. **Enciclopédia dos Animais – Mamíferos: Um Guia Visual Completo**. Trad. de *The Encyclopedia of Mammals: A Complete Visual Guide*, 2005, por Sofia Gomes, com rev. técnica de Filipe Machado. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2007.
- Burnie, David *et al.* **Animal**. Londres: Dorling Kindersley, 2001.
- Burnie, David *et al.* **Grande Enciclopédia Animal**. Trad. de *Animal*, 2001, por Sofia Gomes, com rev. técnica de Filipe Machado. Porto: Dorling Kindersley/Civilização Editores, 2002.
- Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Listas das Aves do Brasil. Florianópolis: CBRO, 2014 (11.^a ed.). Disponível em <www.cbro.org.br>. Acesso em 23 novembro de 2021.
- Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros**

- Ornitologicos. Florianópolis: CBRO, 2021 (13.^a ed.). Disponível em <www.cbro.org.br>. Acesso em 23 novembro de 2021.
- Ferrand de Almeida, Nuno, Paulo Ferrand de Almeida, Helena Gonçalves, Fernando Sequeira, José Teixeira e Francisco Ferrand de Almeida. **Anfíbios e Répteis de Portugal** (*Guia Fapas*). Porto: Fapas/Câmara Municipal do Porto, 2001.
- Garrido, Carlos. **A Tradução do Ensino e Divulgação da Ciência**. Vigo: Serviço de Publicações da Universidade de Vigo, 2016a.
- Garrido, Carlos. Elementos para um adequado tratamento lexicográfico da variação diatópica da designação de grupos de organismos. Rio de Janeiro: **Confluência**, 50(1), p. 65–106, 2016b.
- Garrido, Carlos. **Dicionário de Zoologia e Sistemática dos Invertebrados**: Português, Espanhol, Inglês, Alemão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019a.
- Garrido, Carlos. A equivalência em espanhol e em português do vocábulo inglês *ape*, com uma reflexão sobre a incompetência de certos tradutores e lexicógrafos e o dececionante dicionário da rae. Madrid: **Panace@: Revista de Medicina, Lenguaje y Traducción**, 49, p. 103–116, 2019b.
- Hutchinson, Stephen e Karen McGhee. **The Encyclopedia of Fishes: A Complete Visual Guide**. Sydney: Fog City Press/Weldon Owen, 2005.
- Hutchinson, Stephen e Karen McGhee. **Enciclopédia dos Animais – Peixes**: Um Guia Visual Completo. Trad. de *The Encyclopedia of Fishes: A Complete Visual Guide*, 2005, por Sofia Gomes, com rev. técnica de Filipe Machado. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2007.
- Macdonald, David e Priscilla Barrett. **Mamíferos de Portugal e Europa (Guia Fapas)**. Trad. de *Mammals of Britain and Europe* (Collins Field Guide), 1993, por Magda Laires. Porto: Fapas/Câmara Municipal do Porto, 1999.
- McGhee, Karen, Richard Schodde, Luba Vangelova e Fred Cooke. **The Encyclopedia of Birds: A Complete Visual Guide**. Sydney: Fog City Press/Weldon Owen, 2005.

- McGhee, Karen, Richard Schodde, Luba Vangelova e Fred Cooke. **Enciclopédia dos Animais – Aves: Um Guia Visual Completo**. Trad. de *The Encyclopedia of Birds*, 2005, por Sofia Gomes, com rev. técnica de Filipe Machado. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2007.
- Nord, Christiane. **Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse**. Heidelberg: Julius Groos Verlag, ³1995 (1988).
- Rodríguez de la Fuente, Félix *et al.* **Enciclopedia Salvat de la fauna**. Pamplona: Ediciones Salvat, 1970.
- Rodríguez de la Fuente, Félix *et al.* **A Fauna: Vida e Costumes dos Animais Selvagens**. Trad. de *Enciclopedia Salvat de la Fauna*, 1970, por Anabela Monteiro Nunes e Carlos Alberto Nunes, com rev. científica de Carlos Almaça. Lisboa: Publicações Alfa, 1971.
- Sauermost, Rolf (dir.). **Lexikon der Biologie**. Heidelberg: Spektrum Akademischer Verlag/Elsevier, 1999–2004.
- Sherwood, Chet C. Are We Wired Differently? Parts of the brain involved in language and cognition have enlarged greatly over an evolutionary timescale. Nova Iorque: **Scientific American**, 9/2018, p. 52–55, 2018.
- Svensson, Lars, Killian Mullarney e Dan Zetterström. **Guia de Campo das Aves de Portugal e da Europa**. Trad. de *Collins Bird Guide*, ²2010, por Joana Andrade *et al.* Porto: Assírio & Alvim, ²2012.
- Tait, Noel, Richard Vogt, Hugh Dingle, Jenni Bruce e Karen McGhee. **The Encyclopedia of Reptiles, Amphibians & Invertebrates: A Complete Visual Guide**. Sydney: Fog City Press/Weldon Owen, 2005.
- Tait, Noel, Richard Vogt, Hugh Dingle, Jenni Bruce e Karen McGhee. **Enciclopédia dos Animais – Répteis, Anfíbios e Invertebrados: Um Guia Visual Completo**, trad. de *The Encyclopedia of Reptiles*,

Amphibians & Invertebrates: A Complete Visual Guide, 2005, por Sofia Gomes, com rev. técnica de Filipe Machado. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2007.

von Ihering, Rodolpho. **Dicionário dos animais do Brasil**. Ed. rev. por D. Wilches Monsoreo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Difel, 2002 (1940).

Tabela 3: Denominações vernáculas eruditas (sistematizadoras) e populares portuguesas (estas, brasileiras, de feição patrimonial ou tupi, retiradas de Von Ihering [2002], do dic. *Houaiss* e da *Wikipedia-pt*) para as 21 espécies (ou 20, se *Chaetophractus nationi* for subsumido em *C. vellerosus*) atuais de tatus (ordem Cingulata dos Xenartros)

Família	Género	Nome científico	Nomes vernáculos ingleses e alemães	Nomes vernáculos eruditos portugueses [1]
Dasypodidae	<i>Dasypus</i> ingl. long-nosed armadillos / al. Langnasengürteltiere, Weichgürteltiere / port. tatus-de-focinho-comprido**	<i>D. novemcinctus</i>	nine-banded (long-nosed) armadillo, common long-nosed armadillo / Neunbinden-Gürteltier	tatu-de-nove-faixas [2]
		<i>D. septemcinctus</i>	seven-banded armadillo, Brazilian lesser long-nosed armadillo / (Nördliches) Siebenbinden-Gürteltier	tatu-de-sete-faixas-setentrional** [3]
		<i>D. hybridus</i>	southern long-nosed armadillo / Südliches Siebenbinden-Gürteltier	tatu-de-sete-faixas-meridional**, tatu-de-focinho-comprido-meridional** [4]
		<i>D. sabanicola</i>	Llanos long-nosed armadillo, northern long-nosed armadillo / Savannen-Gürteltier	tatu-dos-Llanos**, tatu-de-savana**, tatu-de-focinho-comprido-setentrional**
		<i>D. kappleri</i>	greater long-nosed armadillo / Kappler-(Weich)Gürteltier	tatu-de-focinho-comprido-maior**, tatu-de-Kappler** [5]
		<i>D. pilosus</i>	hairy long-nosed armadillo, woolly armadillo / Pelzgürteltier	tatu-lanoso**, tatu-de-focinho-comprido-peludo**
		<i>D. mazzai</i> = <i>D. yepesi</i>	Yepes's mulita, Yungas lesser long-nosed armadillo / Yungas-Gürteltier	(pequeno-)tatu-(de-focinho-comprido-)da-yunga**, (pequeno-)tatu-de-Yepes**

Chlamyphoridae	<i>Calyptopractus</i>	<i>C. retusus</i>	greater fairy armadillo, Chacoan fairy armadillo, Burmeister's armadillo / Burmeister-Gürtelmull	<i>pichiciego</i> -maior, <i>pichiciego</i> -do-Chaco**
	<i>Chlamyphorus</i>	<i>C. truncatus</i>	lesser fairy armadillo, pink fairy armadillo, <i>pichiciego</i> / (Kleiner) Gürtelmull, Gürtelmaus	<i>pichiciego</i> -menor, <i>pichiciego</i> -pequeno, <i>pichiciego</i> -da-Pampa** [Pt], <i>pichiciego</i> -do- Pampa** [Br]
	<i>Chaetopractus</i> hairy armadillos / Borstengürteltiere / tatus-peludos	<i>C. vellerosus</i>	small hairy armadillo, screaming hairy armadillo, crying armadillo / Kleines Borstengürteltier, Weißhaar-Gürteltier	tatu-peludo-pequeno**, tatu-peludo-de-cerdas- brancas**, tatu-peludo- gritador
		<i>C. villosus</i>	big hairy armadillo, large(r) hairy armadillo / Braunborsten-Gürteltier, Braunhaar-Gürteltier	tatu-peludo-grande**, tatu-peludo-de-cerdas- castanhas**
		<i>C. nationi</i>	Andean hairy armadillo / Andenborstengürteltier	tatu-peludo-andino
	<i>Euphractus</i>	<i>E. sexcinctus</i>	six-banded armadillo, yellow ~ / Sechsbinden- Gürteltier	tatu-de-seis-faixas [6]
	<i>Zaedyus</i>	<i>Z. pichiy</i>	pichi, dwarf armadillo, pygmy ~ / Zwerggürteltier, Pichi	tatu-anão**, tatu- pigmeu**, <i>pichi</i> **
	<i>Cabassous</i> naked-tailed armadillos / Nacktschwanzgürteltiere / tatus-de-rabo-mole, tatus-de-cauda-mole, tatus-de-cauda-nua, cabaçus, tatuaivas, tatuximas	<i>C. centralis</i>	northern naked- tailed armadillo / Mittelamerikanisches Nacktschwanzgürteltier, Nördliches Nacktschwanzgürteltier	tatu-de-rabo-mole- setentrional**, tatu- de-rabo-mole-centro- americano**
		<i>C. chacoensis</i>	Chacoan naked-tailed armadillo / Kleines Nacktschwanzgürteltier, Chaco- Nacktschwanzgürteltier	tatu-de-rabo-mole-do- Chaco**
		<i>C. unicinctus</i>	southern naked-tailed armadillo / Südliches Nacktschwanzgürteltier	tatu-de-rabo-mole- meridional** (*tatu-de- rabo-mole-pequeno)
<i>C. tatouay</i>		greater naked-tailed armadillo / Großes Nacktschwanzgürteltier	tatu-de-rabo-mole- grande	

Chlamyphoridae	<i>Priodontes</i>	<i>P. maximus</i>	giant armadillo / Riesengürteltier	tatu-gigante [7]
	<i>Tolypeutes</i> three-banded armadillos / Kugelgürteltiere, Dreibinden-Gürteltiere / tatus-de-três-faixas, tatus-bola [8]	<i>T. matacus</i>	southern three-banded armadillo, La Plata three-banded armadillo, Azara's domed armadillo / Südliches Kugelgürteltier, Südliches Dreibindengürteltier	tatu-de-três-faixas-meridional**, tatu-bola-meridional** [9]
		<i>T. tricinctus</i>	Brazilian three-banded armadillo / Nördliches Kugelgürteltier, Brasilianisches Dreibindengürteltier	tatu-de-três-faixas-setentrional**, tatu-bola-do-nordeste, tatu-bola-setentrional**, tatu-bola-da-caatinga

[1] **Denominações vernáculas portuguesas de natureza erudita** retiradas de *AF*, *GEA* e *EAM*, ou cunhadas aqui (mediante decalque) pelo autor do presente estudo (denominações seguidas por dois asteriscos). // **Nomes vernáculos populares portugueses** (aqueles que se revelam ambíguos, por colidirem com a designação de outras espécies de tatus, são antecidos por um asterisco): [2] tatu-galinha, tatu-de-folha, tatu-veado, tatu-verdadeiro, tatuetê; [3] tatu-galinha-pequeno, tatu-china, tatuí, tatu-mirim; [4] tatu-mulita, mulita, tatuíra; [5] tatu-de-quinze-quilos; [6] tatu-de-mão-amarela, *tatu-peludo, *peludo, tatu-cascudo, papa-defunto, tatupeba, tatupeva, peba, tatupoiú; [7] tatu-canastra, canastra, tatuauçu; [8] tatuapara, apar, apara; [9] mataco.